



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA BAHIA
Departamento de Ciências Humanas Campus IV
NOÉLIA OLIVEIRA FERREIRA

MEDIAÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO:
Projetos de leitura em Jacobina

Jacobina – Ba

2017

NOÉLIA OLIVEIRA FERREIRA

MEDIAÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO:

Projetos de leitura em Jacobina

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus IV, como exigência para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas orientado pela Prof^a. Doutora Juliana Cristina Salvadori.

Jacobina – Ba

2017

Noélia Oliveira Ferreira

MEDIAÇÃO E LETRAMENTO LITERÁRIO:

projetos de leitura em Jacobina

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia - UNEB Campus IV, como exigência para conclusão do Curso de Licenciatura em Letras Vernáculas orientado pela Prof^a. Doutora Juliana Cristina Salvadori.

Professora Doutora Juliana Cristina Salvadori (UNEB / orientadora)

Professora Mestra Djárcia Brito de Santana (UNEB)

Professor Doutor José Carlos Félix (UNEB)

Jacobina, 21 de fevereiro 2017

Agradecimentos

A Deus que me possibilitou ter o desejo de prosseguir, a persistência, determinação e comprometimento mesmo diante de algumas dificuldades para então cumprir esta etapa de minha formação acadêmica.

Agradeço aos mediadores dos projetos que se disponibilizaram a fazer parte da pesquisa e colaboraram bastante.

A professora Juliana Cristina Salvadori pelo compromisso aceito em ser minha orientadora, pelo incentivo, paciência e orientações dadas durante a pesquisa.

A professora Djárcia Brito de Santana pelo incentivo e apoio.

A minha família, a todos os meus amigos e colegas que me incentivaram a seguir em frente na pesquisa.

“Como entre tais coisas e tais outros incluem-se também livros e leitores, fecha-se o círculo: lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. Do mundo da leitura à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por um vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.” (LAJOLO, 2000, p.7)

RESUMO

A presente pesquisa apresenta, por meio de entrevistas narrativas, relatos de experiências de mediadores de leitura na cidade de Jacobina a partir dos seguintes projetos de leitura: Biblioteca Andante; Literatura e identidade e Clube da Rua Limpa, procurando refletir acerca do papel do mediador como um leitor experiente no fomento a práticas de leitura e no processo de letramento literário. O critério de seleção de tais projetos considerou serem projetos que privilegiem o papel de mediação da leitura literária, serem projetos atuantes no incentivo à leitura com estratégias e públicos diversificados, além de apresentarem resultados positivos e grande visibilidade e adesão entre o público leitor. O objetivo desta pesquisa foi o de compreender como as experiências e ações desses mediadores fomentam a leitura do texto literário para além da escola, considerando que a prática de leitura é mais frequente no período escolar segundo a 3ª edição da pesquisa Retratos de Leitura, porém a escola não tem conseguido formar leitores para a vida. Para tanto, o trabalho se organiza da seguinte forma: O capítulo 1 traz a abordagem teórica e discute concepções de leitura, o papel do leitor, o processo de letramento literário e as relações estabelecidas e desenvolvidas a partir da experiência com o texto literário, mediação de leitura e políticas públicas de incentivo e promoção da mesma. O capítulo 2 aborda a metodologia utilizada na realização da pesquisa que se caracteriza como qualitativa apresentando o percurso realizado durante o estudo da pesquisa, coleta e análise dos dados. Já o terceiro capítulo analisa os projetos Biblioteca Andante, Projeto Literatura e identidade e Projeto Clube da rua limpa a partir dos dados coletados nas entrevistas narrativas realizadas com os mediadores dos projetos. Nessas, os participantes narram as suas práticas e experiências de leitura, a dinâmica utilizada no projeto, a importância da leitura e da mediação, como pensam a experiência de leitura compartilhada refletindo acerca de como as ações e experiências desses mediadores incentivam no desenvolvimento pelo gosto da leitura

Palavras-chave: Letramento literário; mediação de leitura; entrevistas narrativas; projetos de leitura.

ABSTRACT

The present research presents, through narrative interviews, reports of experiences of reading mediators in the city of Jacobina from the following reading projects: Biblioteca Andante; Literature and identity and Clube da Rua Limpa, seeking to reflect on the role of the mediator as an experienced reader in fostering reading practices and in the process of literary literacy. The selection criterion of such projects considered to be projects that privilege the mediation role of literary reading, are projects that encourage reading with diverse strategies and audiences, as well as presenting positive results and high visibility and adherence among readers. The objective of this research was to understand how the experiences and actions of these mediators encourage the reading of the literary text beyond the school, considering that the practice of reading is more frequent in the school period according to the 3rd edition of the Reading Portraits research, School has not been able to train readers for life. To do so, the work is organized as follows: Chapter 1 brings the theoretical approach and discusses conceptions of reading, the role of the reader, the process of literary literacy and the relations established and developed from the experience with the literary text, mediation Reading and public policies to encourage and promote it. Chapter 2 deals with the methodology used to conduct the research that is characterized as qualitative, presenting the course carried out during the study of the research, data collection and analysis. And chapter 3 analyzes the Andante Library Project, Literature Project and Identity and Street Club Project cleaned from the data collected in the narrative interviews conducted with the project mediators narrating their practices and reading experiences, the dynamics used in the project, the Importance of reading and mediation, as they think the shared reading experience reflects on how the actions and experiences of these mediators encourage in the development by the taste of reading.

Keywords: Literary literacy; Reading mediation; Narrative interviews; Reading projects.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1 – Biblioteca Andante	45
FOTO 2 - 3ª intervenção UNEB em 2014.....	45
FOTO 3 - 3ª Intervenção Na UNEB Campus IV.....	46
FOTO 4 - 3ª Intervenção Na UNEB Campus IV.....	46
FOTO 5 - 1ª Intervenção de 2015 na praça da Matriz.....	47
FOTO 6 - Intervenção na praça rio branco	47
FOTO 7.....	48
FOTO 8.....	48
FOTO 9.....	49
FOTO 10.....	50
FOTO 11 - Intervenção no Colegio Nubia em setembro 2016.....	50
FOTO 12.....	51
FOTO 13 - Projeto Clube da Rua limpa	52
FOTO 14.....	52
FOTO 15.....	53
FOTO 16.....	53
FOTO 17.....	54
FOTO 18.....	54
FOTO 19.....	55
FOTO 20.....	55
FOTO 21.....	56
FOTO 22.....	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	111
2 CAPÍTULO 1: Concepções de Leitura.....	155
2.1 Letramento Literário (Leitura literária)	166
2.3 Mediação de leitura: leitura como prática compartilhada.....	199
2.4 Políticas de leitura.....	20
3 PERCURSO METODOLÓGICO	23
4 ENTREVISTAS E PROJETOS.....	27
4.1 Síntese e Análise das entrevistas.....	27
4.1.1. <i>Contextualizando os projetos</i>	27
4.1.1.1 Projeto Literatura e identidade	27
4.1.1.2 Projeto Biblioteca Andante	29
4.1.1.3 Projeto Clube da Rua Limpa.....	29
4.2 Memórias de leitura literária dos mediadores	30
4.3 Detalhando os projetos.....	34
4.3.1 <i>Primeira questão</i>	34
4.3.2 <i>Você se considera um modelo leitor?</i>	37
4.3.3 <i>Mediação de leitura e suas perspectivas</i>	38
4.3.4 <i>O que pensam sobre leitura compartilhada</i>	39
5 CONCLUSÃO.....	422
REFERÊNCIAS	44
ANEXO I.....	466
ANEXO II.....	469

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados coletados e analisados em Retratos de Leitura no Brasil, 3ª edição, realizada em 2011, temos 88,2 milhões de leitores no Brasil, o que corresponde a 50% da população – 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores. Parte da responsabilidade por este quadro se deve à falta de acesso a bibliotecas estruturadas e atualizadas, incentivos ao fortalecimento da circulação de textos, autores e leitores e de hábitos leitores, entre outras questões. De acordo com o Plano Nacional da Leitura e do Livro (PNLL, 2014),

as dificuldades de acesso a livros em geral, e mesmo em escolas e bibliotecas, somado ao baixo poder aquisitivo da absoluta maioria dos leitores propicia efetivamente alternativas escassas para que se concretize a leitura. E é preciso sublinhar que o acesso às bibliotecas é pequeno, não apenas por uma questão cultural que remonta à nossa longa história de iletramento, mas porque a rede de bibliotecas no País é reduzida, seja em termos quantitativos, seja em um plano qualitativo pelos serviços que consegue oferecer. (PNLL, p.12)

Segundo Fabiano dos Santos Píuba, cujo texto integra o Retratos (2012),

temos uma dívida social histórica com a leitura no Brasil. Nossos indicadores educacionais e culturais nessa área, embora venham sendo melhorados a cada ano, revelam o quanto ainda temos que caminhar. As estatísticas nacionais quanto à leitura indicam que os brasileiros leem pouco e que a compreensão leitora de nossas crianças, jovens e adultos revela enormes dificuldades em relação à análise, interpretação e produção de textos. Diante desse quadro, podemos dizer que não podemos mais pensar em desenvolvimento sem trabalharmos a dimensão estratégica da cultura e o direito ao livro e à leitura como direitos básicos de cidadania e de formação. (2012, p. 218)

Os dados coletados nessa terceira edição corroboram o que outras edições apontaram: a prática da leitura está mais presente durante o período escolar, como demanda obrigatória. Isso sugere que a escola não está conseguindo formar leitores para fruição, particularmente do texto literário:

a penetração média de leitura por iniciativa própria aumenta de acordo com escolaridade, partindo de 30% no 4º ano até atingir a média de 65% entre os alunos de ensino superior. Mas quando associamos essa variável à penetração de livros por idade, percebe-se que quanto maior é a idade, mais a pessoa se distancia da leitura. Temos um ápice com média de 44% de leitura de livros lidos por iniciativa própria entre 18 e 40 anos, que vai perdendo fôlego com o passar dos anos. Podemos constatar também que

esse é o período em que a escolaridade ainda tem uma presença marcante em suas vidas, seja na escola ou na faculdade. Isso implica numa constatação de que a escola não está conseguindo formar leitores para a vida inteira. Ela tem conseguido, no máximo, garantir uma leitura vinculada aos assuntos relacionados aos estudos, conjugados com leituras por iniciativa própria que vai se esvaecendo. (p.220)

A problemática posta neste trabalho é a de pensar o papel do mediador, compreendido como um leitor experiente, frente a uma experiência de leitura compartilhada com outros leitores para pensar a leitura como prática e a formação de leitores para além da escola. Nosso problema de pesquisa busca compreender de que forma as experiências e ações desses mediadores podem incentivar o gosto pela leitura do texto literário para além dos espaços formais, como a sala de aula.

Acreditamos que seja necessário promover e incentivar a prática da leitura por meio de projetos e ações inovadoras que tenham a figura do mediador como uma das estratégias para despertar o interesse pela leitura. Neste sentido, este trabalho pretende dar destaque as experiências de mediadores que estão sendo bem-sucedidas em direção ao incentivo de práticas leitoras por meio de projetos de leitura desenvolvidos no município de Jacobina. Pretendemos assim, realizar o mapeamento de alguns projetos de leitura existentes em Jacobina, a saber: Projeto Biblioteca Andante, desenvolvido pelo professor Antônio Márcio Melo da Silva desde o ano de 2014, o qual faz intervenções em vários lugares da cidade; o projeto Literatura e identidade desenvolvido na APAE pelas professoras Katia Cristina Novaes Leite e Karine Novaes Leite, que tem sido desenvolvido na APAE desde 2013 tendo como público alvo pessoas com deficiência, particularmente a intelectual; e o Projeto Clube da Rua Limpa, desenvolvido pela professora Geni Pereira Alves há onze anos inicialmente na rua Jequié no bairro da Missão e que acabou por resultar na constituição de uma biblioteca que ocupa a maior parte de sua casa.

Esses projetos foram selecionados levando em conta os seguintes critérios: serem projetos que privilegiem o papel de mediação da leitura literária, serem projetos atuantes no incentivo à leitura com estratégias e públicos diversificados, além de apresentarem resultados positivos e grande visibilidade e adesão entre o público leitor. Tal enfoque, deve servir para encorajar outras pessoas a realizarem projetos que tenham a mesma finalidade, de modo que cada vez mais crianças, jovens e adultos tenham o texto literário ao seu alcance.

Para tanto, precisamos compreender a concepção de leitura a que estamos subscrevendo e o quadro brasileiro frente à temática apontada. A leitura é de fundamental importância para qualquer indivíduo, pois contribui na sua formação enquanto sujeito, no

desenvolvimento do senso crítico e de sua autonomia. Antônio Cândido (1995), em seu texto *Direitos humanos e literatura*, afirma que a literatura é fator indispensável de humanização, pois, confirma o homem na sua humanidade. Para o autor, “[e]la [a literatura] não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Segundo Petit (2009), em *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, com a apropriação da literatura, o leitor torna-se mais hábil no uso da língua, conquista uma inteligência mais sutil, mais crítica, e torna-se mais capaz de explorar a experiência humana atribuindo-lhe sentido e valor poéticos (p. 29). A leitura possibilita o processo de autonomização do sujeito, a construção e reconstrução de si mesmo. Segundo a autora, o ser humano tem uma predisposição a viver em crises e conflitos, mas a leitura pode nos ajudar a lidar melhor com as experiências conflituosas e encontrar possibilidades para aprender a conviver com as dificuldades encarando-as de frente.

Prigol, por sua vez, em *Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários* (2010), chama-nos a atenção de que é a partir da experiência com o texto literário que o leitor encontra consigo mesmo ou com outros modos de narrar a sua vida, sendo outros além de si mesmo. A leitura, portanto, é uma maneira de repensar-se, refletir sobre sua vida sobre o mundo a qual pertence desenvolver a capacidade de colocar-se no lugar do outro, enxergar o outro e enxergar-se naquele personagem ou texto.

Os autores aqui citados comungam quando pensam a leitura como encontro de si mesmo na literatura, parte de sua vida, da vivência e experiência literária como fator de humanização e autonomia do sujeito que ao ler compreende e enxerga o mundo com outros olhos, a construção do seu eu e experimentar inúmeras possibilidades de se encontrar na personagem ou textos construindo e refletindo acerca de sua realidade com um olhar mais crítico.

A metodologia a ser utilizada nesta pesquisa consiste na pesquisa qualitativa, pesquisa de campo a fim de investigar as experiências dos mediadores na realização de seus projetos, compreendendo as ações de incentivo a leitura para além do espaço escolar. Será utilizado como instrumento de coleta de dados a entrevista narrativa.

O capítulo 1, traz a abordagem teórica e discute concepções de leitura, o papel do leitor, o processo de letramento literário e as relações estabelecidas e desenvolvidas a partir da experiência com o texto literário, mediação de leitura e políticas públicas de incentivo e promoção da mesma.

O capítulo 2, aborda a metodologia utilizada na realização da pesquisa que se caracteriza como qualitativa, apresentando o percurso realizado durante o estudo da pesquisa, coleta e análise dos dados.

Já o capítulo 3, analisa os projetos Biblioteca Andante, Projeto Literatura e identidade e Projeto Clube da Rua Limpa a partir dos dados coletados nas entrevistas narrativas realizadas com os mediadores dos projetos, narrando as suas práticas e experiências de leitura, a dinâmica utilizada no projeto, a importância da leitura e da mediação, como pensam a experiência de leitura compartilhada refletindo acerca de como as ações e experiências desses mediadores incentivam no desenvolvimento pelo gosto da leitura.

2 CAPÍTULO 1: Concepções de Leitura

Neste capítulo, iniciaremos por problematizar o conceito de leitura e o papel do leitor a partir de Martins (2002), Freire (1989), Yunes (2002) e Soares(2004), dentre outros. A leitura não está relacionada somente a palavra escrita, vai bem mais além disso, pois é possível ler um gesto, uma expressão facial, um olhar, uma imagem. Ler não é somente decifrar o código linguístico, mas compreender o que está sendo lido e construir sentidos.

Maria Helena Martins (2002) afirma que o aprendizado da leitura é um ato solitário, embora se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo. Cosson (2011) acrescenta que é um ato solitário, mas a interpretação que fazemos da leitura é um ato solidário, pois ler implica troca de sentidos não somente entre escritor e leitor, mas também com a sociedade na qual estão inseridos. Um resultado de compartilhamento de visões de mundo entre os sujeitos.

Além do conhecimento linguístico, as relações interpessoais e o contexto de vida são determinantes no desenvolvimento da aprendizagem da leitura. A medida que incorporamos experiências de leituras é como se o mundo estivesse ao nosso alcance e passamos a ter outras perspectivas para compreendê-lo e até transformá-lo – a leitura, portanto, pode dar sentido – outros sentidos – ao mundo e a nós mesmos. A partir do momento em que a leitura é considerada como processo em que o leitor dá sentido e compreende o que está lendo – o texto e o mundo – ele deixa de ser um mero decodificador ou receptor passivo e assume um papel atuante. Dessa forma, a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, mas principalmente, com os outros – autor, leitores. Paulo Freire fala “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Dito de outro modo, a leitura se desenvolve também a partir da percepção sobre o mundo, compreensão da realidade que nos cerca, como o vemos, interpretando a nossa relação com o mesmo. Como também afirma Yunes (2002), a leitura é o modo pelo qual o homem organiza o mundo, segundo a “linguagem” que inventa sua construção: Ler é realizar a experiência de se pensar pensando o mundo. (YUNES, 2002, p.25). Logo, de acordo com Yunes (2002), porque cada leitor interpreta o que ler do seu modo conforme os seus conhecimentos, são inúmeras e diversas as possibilidades de construções de sentidos.

Segundo Soares (1999), não basta apenas saber ler e escrever é preciso também fazer uso do ler e do escrever, a fim de responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz a todo instante, daí surge o termo letramento. A leitura como prática social, vai além da simples decodificação, é dar sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com

as experiências do leitor. Diariamente somos intimados a fazer o uso da leitura com diversas finalidades e em situações distintas. Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, ou seja, que conheça o código linguístico, mas que saiba fazer uso da linguagem escrita, ser um indivíduo letrado.

A escritora Maria de Lourdes Dionísio (2008), em seu texto “Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita”, afirma que para ser leitor é necessário que o indivíduo mantenha um repertório vasto e flexível de práticas leitoras, desempenhe papéis atuando 1. como “decodificador”, reconhecendo e usando as estruturas convencionais da organização do texto; 2. como “participante textual”, atuando na construção de sentidos, considerando as suas experiências leitoras e conhecimentos acerca de outros discursos, textos e sistemas de significação; 3. como “utente de textos” usando-os pragmaticamente, considerando o texto no seu contexto, compreendendo a forma de ler, o que ler e a finalidade da leitura em determinadas situações; 4. por fim, também como “analista e crítico”, capaz de analisar e criticar os textos, reconhecendo que estes possuem perspectivas particulares que são reveladas, porém escondem outras, além disso, deve se entender que os textos podem ser criticados de maneira diferenciada e pessoal por cada leitor. Sabendo, pois, que nenhum texto é transparente, cada leitor assume também o papel de não neutralidade.

A leitura é de fundamental importância como prática social e cultural pois garante a relação e conhecimento de mundo, é dever do poder público e da sociedade como um todo incluir o sujeito no meio social e cultural através da leitura, um direito de qualquer ser humano a ser garantido pois, o ato de leitura vai além da simples decodificação de palavras, por ser um processo amplo e complexo no qual estão envolvidas as leituras de mundo do indivíduo, ou seja, a realidade social, suas crenças, sua condição econômica e sua cultura. Na próxima seção abordaremos sobre letramento literário e o que texto literário desperta no leitor, as relações estabelecidas entre leitor e texto literário.

2.1 Letramento Literário (Leitura literária)

Paulino e Cosson (2009) denominam letramento literário o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos (p.67). Cosson e Renata Junqueira de Souza em artigo “Letramento literário uma proposta para sala de aula”, afirmam que ao tomar o letramento literário como processo entende-se como dinâmico e contínuo no qual ocorre uma construção e apropriação de sentidos do texto literário sem delimitação de tempo

ou espaço. Não se restringe a apenas um saber que se adquire sobre literatura, mas é um processo constante de contato com o texto literário uma verdadeira experiência de construção de sentido que vai além das palavras.

Segundo Cosson (2014),

A leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre a possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. Tal fato acontece porque os textos literários guardam palavras e mundos tanto mais verdadeiros quanto mais imaginados, desafiando os discursos prontos da realidade, sobretudo quando se apresentam como verdades únicas e imutáveis. Também porque na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades. Não bastasse essa ampliação de horizontes, o exercício de imaginação que a leitura de todo texto literário requer é uma das formas relevantes do leitor assumir a posição de sujeito e só podemos exercer qualquer movimento crítico quando nos reconhecemos como sujeitos. (COSSON, 2014, p.50)

Isto quer dizer que a leitura como diálogo pressupõe uma relação entre leitor e autor, texto e contexto. O que diferencia a experiência da leitura literária de outras leituras é a forma como o leitor processa o texto, a experiência é concretizada quando o leitor volta-se para o texto em si mesmo construindo sentidos. Outro fator importante é a literariedade, ou seja, de acordo com Cosson (2014) ler o texto literário é reconhecer nos textos aquilo que o faz literário. De acordo com o autor, “o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros”. Assim,

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver com os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (2011, p.17).

Outrossim, a literatura possibilita o encontro de si mesmo em uma narrativa ou personagem (o outro) a necessidade de autoafirmação da própria identidade sem deixar de sermos nós mesmos. Conforme Michèle Petit (2009), em seu livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade*, a leitura, principalmente literária, é um recurso importante para o sujeito enfrentar os seus problemas pessoais e sociais. É como se o leitor entrasse em contato

com um outro mundo, o mundo da imaginação, do pensamento, da fantasia lhe possibilitando um novo olhar sobre a realidade que o cerca, e além disso um desfrutar da leitura literária, num processo de devaneio que conduz a outros lugares e experiências de modo a ressignificar a sua. Dito de outro modo, a experiência com o texto literário possibilita ao leitor a reconstrução de si mesmo, mudanças de pensamentos, reformulação de novas ideias e conceitos, ressignificando o que foi lido, construindo sentidos estabelecendo dessa forma uma relação dialógica entre leitor e texto.

Segundo Petit (2009), ler tem relação com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair traçando assim sua autonomia. O leitor tem por meio da literatura a oportunidade de conhecer mundos jamais imaginados descobrindo segredos da sua própria subjetividade. A autora afirma ainda que a literatura permite não só o reconhecimento de si, mas uma mudança de ponto de vista, um encontro com a alteridade e talvez também uma educação dos sentimentos.

Para Yunes (2002), a literatura que compõe textos narrativos desperta afetos, sensibilidade, além da lógica e da inteligência. Desta forma, esta seria de grande utilidade para inserir o indivíduo no mundo da leitura e de exercitar a sua autonomia de sujeito. Ela ainda afirma que:

O movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocadas a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de co-mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e de descobrir-se um sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido, mas uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo. (YUNES,2002 p.27)

Compreende-se a partir disso que a literatura tem esse poder de conduzir o leitor a refletir sobre a sua própria realidade e reformular novas ideias e conceitos já existentes, além de reconhecer-se como sujeito de si mesmo. Desenvolve a capacidade de compreender a diversidade, o outro, ressignificando a si mesmo, suas experiências, sua cultura e a forma como enxerga o mundo e as coisas em sua volta. Provocando assim sentimentos e sensações diversas.

Souza Lima (2002), em “A formação de repertório de leituras” no livro *Pensar a leitura*: complexidade, revela que há uma tradição interpretativa que considera o texto literário como portador de uma verdade absoluta, no qual ao leitor caberia descobrir o sentido encoberto fazendo referência ao autor. Em uma vertente mais contemporânea, o leitor assume uma participação mais ativa na construção de sentido. Nessa perspectiva,

repertório de leitura surge das referências textuais, apresentadas sob a forma de regras sociais, alusões históricas, contexto sociocultural da obra, etc, todo tipo de realidade extratextual.

Posto desta forma, é preciso considerar que “o texto literário é representação, e não, imitação”. Ou seja, as referências textuais variadas seriam formas de falar sobre a realidade, assim o texto literário serve como caricatura. (YUNES, 2002 p.77). Deste modo, a partir do momento em que um leitor tiver dificuldades em compreender um trecho, por exemplo, ele poderá buscar sanar essa dificuldade, dinamizando o seu acervo e acionando o seu repertório para que interaja com o repertório do texto e elabore respostas.

Resumindo, ler vai muito além de decifrar códigos linguísticos ou palavras é construir sentidos, é dialogar com o texto ressignificando conceitos pré estabelecidos buscando compreender e refletir com criticidade as entrelinhas do que está escrito, a si mesmo e o outro. Ampliar o seu conhecimento de mundo como afirma muito bem Cosson (2011), “ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro”.

2.3 Mediação de leitura: leitura como prática compartilhada

Sabemos que o processo de formação de leitores inclui sempre um mediador que auxilia e incentiva, por isso a escritora Daniela Versiani em *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura* (2012), afirma que a responsabilidade do mediador é decisiva, pois deve ser como alguém que convida o outro a descobrir um universo mágico repleto de infinitas possibilidades. A mesma chama a atenção para o fato de que o mediador deve ser modelo, exemplo de leitor para despertar o interesse. Segundo Versiani, para aproximar crianças e jovens da leitura é necessário passar pelo encantamento pelo convite, pela valorização da experiência individual no contato com o texto literário. Assim:

Uma criança que gosta de ler será um adulto leitor se o estímulo dos primeiros anos para a leitura permanecer vivo em sua adolescência. O processo de formação do leitor de qualquer idade e em qualquer tempo tem de estar associado ao prazer, ao exercício reflexivo, à possibilidade de o leitor expressar suas descobertas, até que, mais do que um prazer, ler seja parte de sua vida e ele possa seguir assim: lendo e sendo. (VERSIANI,2012, p.43)

Dessa forma, percebemos a importância do papel do mediador no incentivo da leitura e processo de formação leitora presente na vida do sujeito desde a infância a fim de que o

mesmo seja um leitor atuante também na vida adulta. O mediador pode ser a família, o professor, um amigo, enfim alguém que incentive o ato de ler.

O planejamento de uma ação de formação de leitores segundo o *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura* de Versiani, Yunes e Carvalho (2012) requer alguns critérios como conhecer as características do grupo: é preciso saber a faixa etária, se é alfabetizado ou não, se possui alguma experiência leitora, se há preferências, entre outros. Assim, é necessário escolher atividades atrativas e acolhedoras de acordo com as características do público alvo. O mesmo sugere algumas práticas como a criação de círculos de leitura, clubes de leitura, saraus, apresentação teatral, produções escritas desfile comemorativos entre outras a critério da criatividade do mediador para despertar o interesse do leitor.

Petit em livro *Os jovens e a leitura* (2006) ressalta que:

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras "verdadeiras", é essencial. (PETIT, 2006 p. 171)

Podemos ilustrar a figura do professor como um dos principais mediadores de leitura, contudo, tem se mostrado improvável desenvolver o gosto pela leitura se a prática da leitura literária em sala de aula como atividade obrigatória, sendo exigidos exercícios, questionários ou resumos. Conforme a mesma (2012), a prática de leitura de literatura do professor requer outra postura, afinal, como destaca a autora “literatura não se ensina: literatura se vivencia”.

E essa vivência pode ser caracterizada como uma experiência constante e prazerosa na qual o leitor dialoga com o texto literário experimenta sensações penetra intensamente nas entrelinhas do texto, faz um passeio pelo bosque da narrativa como profere Umberto Eco (1932), num instante de devaneio isso de maneira muito particular e única.

Para possibilitar essa vivência com a leitura, a figura do mediador é muito importante. Pois o mediador está sempre incentivando e promovendo a leitura, seja no simples ato de indicar um livro, presentear ou mesmo emprestar, ao dialogar sobre determinada obra ou experiência, compartilhando a leitura e assim sendo multiplicadores do ler. Na próxima seção, discutiremos acerca das políticas de leitura como uma ação necessária e essencial para efetivação das práticas de leituras.

2.4 Políticas de leitura

Eliane Yunes em capítulo intitulado “Políticas de formação do leitor – Por uma política nacional de leitura em livro”, organizado pelo MEC (1994), chama a atenção de que a política de incentivo à leitura seja no âmbito educacional, social e cultural está atrasada. Enfatiza que “Não é por falta de pensadores e teóricos, de especialistas e analistas, de experiências e programas, mas por falta de decisão política materializada em disposição para dialogar e disponibilidade de recursos para aplicar” (YUNES, 1994 p.13). É tarefa do governo e da sociedade incentivar a leitura, disponibilizar recursos que viabilizem a promoção e o acesso à leitura apoiando iniciativas e projetos bem-sucedidos visando o seu fortalecimento e ampliação.

Entretanto, como ressalta Yunes, “temos deixado essa responsabilidade apenas para o sistema educativo formal, como se o aparato social por si só pudesse criar uma sociedade leitora”. Não cabe apenas a escola o incentivo da leitura, e até porque somente a escola não tem dado conta como já abordado anteriormente de formar leitores ativos que se dispõem a ler diariamente adotar a leitura como parte de sua vida, mas ao governo, a sociedade como um todo precisa promover e incentivar o ato de ler oferecendo subsídios e estratégias para isso.

De acordo com o PNLL (edição revisada e atualizada em 2014):

para fortalecer qualquer política ou ação ligada ao livro, é preciso uma valorização da esfera da cultura como um todo, franqueando o acesso a uma variada gama de objetos culturais que hoje estabelecem vínculos estreitos com os livros. Há de se considerar a diversidade cultural de inúmeras instâncias - e não apenas a escola - que influencia a cultura, tais como a família, a mídia, as instituições voltadas ao lazer, à religião, à política etc (PNLL p.13)

Yunes (MEC 1994) destaca também que:

Não é possível estimular a leitura e cativar novos leitores se não estamos convencidos das vantagens de ler. Não seremos capazes de converter analfabetos ou iletrados em leitores se não estamos convencidos da importância da leitura. Nós que estamos como intermediários entre os livros e as crianças — pais, mestres, bibliotecários, editores, livreiros e produtores culturais —, se não vivemos a leitura como um ato permanente de enamoramento com o conhecimento e a informação, se não praticamos o prazer da convivência com a leitura, não lograremos promovê-la, nem ampliaremos o número de leitores. Ou seja, se não estamos capacitados, como capacitaremos outros? Ou melhor, se não estamos animados, como animar os demais? (Yunes pág.20)

Assim compreendemos que a leitura tem de ser experimentada, vivenciada principalmente por seus mediadores para que assim consiga despertar o interesse o gosto pela leitura é preciso ser exemplo, a leitura deve fazer parte de sua vida de uma forma que contagie a todos e seja visto como leitor assíduo e atuante, ou mesmo como um modelo leitor.

Para Yunes, as iniciativas e experiências de incentivo a leitura desenvolvidas em universidades, comunidades, fundações, grupos civis, secretarias de Educação e Cultura, além das propostas por consultores e especialistas, não podem ser ignoradas, mas sim apoiadas com urgência pelo poder público a fim de fortalecer e ampliar essas práticas que vem sendo bem sucedidas e apresentado resultado satisfatórios para a sociedade.

A uma política nacional, por natureza globalizante, não cabe enveredar por modelos fechados e pressupostos inarredáveis. Deve corresponder à articulação de iniciativas existentes e por existir, na perspectiva de economizar recursos e tempo, respeitar iniciativas, sem pretensões totalizadoras que acabem por reinventar a roda a cada volta. As estratégias podem ser diferenciadas segundo grupos de atuação, condições locais e público-alvo; urge uma discussão ágil sobre a questão, unindo ministérios, instituições privadas e empresariado. Não apenas os ministérios de Educação e Cultura devem ter compromisso com o país leitor; também a agricultura, a saúde, o transporte, o meio ambiente precisam da leitura para esclarecer, informar, orientar, solicitar e receber colaboração, facilitar o diálogo entre quem paga e quem recebe para prestar serviços (YUNES, MEC 1994 p.13-14).

Ou seja, Yunes discute a necessidade de valorizar as iniciativas e projetos de leituras existentes no país e fortalecê-las. Para ela todos os setores devem participar visto que a leitura é uma prática social necessária que amplia os horizontes e desenvolve a criticidade como cidadão consciente de direitos e deveres.

Neste capítulo, abordamos sobre a leitura e algumas de suas concepções, o processo de letramento literário, a importância da mediação na formação leitora e sobre a necessidade de políticas de leitura para que práticas de leitura sejam concretizadas e compartilhadas conforme os pressupostos teóricos de Martins, Cosson, Petit, Yunes, Freire. No próximo capítulo, traçaremos a metodologia utilizada durante a pesquisa apresentando os recursos e caminhos percorridos.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa buscou mapear alguns projetos de mediação leitora e conhecer o trabalho dos mediadores (existentes na cidade de Jacobina) bem como suas experiências leitoras a fim de analisar e compreender de que forma suas experiências e ações têm incentivado a leitura literária para além do espaço escolar. A pesquisa é qualitativa e exploratória e foi realizada por meio de entrevista narrativa com os coordenadores dos projetos de leitura selecionados, a saber professoras Katia Cristina Novaes Leite e Karine Cristina Novaes Leite, coordenadoras do projeto Literatura e identidade, realizado na APAE de Jacobina; Professor Antônio Marcio Melo da Silva, idealizador do Projeto Biblioteca Andante; e a professora Geni Pereira Alves com o projeto Clube da rua limpa. A escolha de tais projetos partiu do objetivo de investigar as experiências desses mediadores que desempenham um papel atuante no incentivo da leitura na cidade de Jacobina.

Segundo Silveira e Córdova (2009) “a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. Conforme Minayo (apud Silveira e Córdova, 2001, p.32) a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Primeiramente, fizemos o levantamento de projetos de mediação de leitura desenvolvidos na cidade de Jacobina e escolhemos três projetos: o Projeto Biblioteca andante, projeto Literatura e identidade desenvolvido na APAE e o Projeto Clube da rua limpa, privilegiando aqueles que se desenvolviam em espaços não formais de educação. Entramos em contato com os mediadores e os convidamos para uma entrevista. Para esta, elaboramos um roteiro de entrevista narrativa, e agendamos as entrevistas entre o final do mês de outubro e início de novembro. As entrevistas foram gravadas em celular por meio do aplicativo Titanium Recorder e foram feitas as transcrições de áudio. A partir destas transcrições, elaboramos sínteses das falas. Adotamos os seguintes sinais na transcrição: o parêntese () para descrever gestos como o riso por exemplo, as reticências entre parênteses para indicar cortes na fala, a vírgula para dar pausa, o ponto de seguimento e parágrafo para uma melhor organização do texto.

Após as transcrições prosseguimos com as análises. Como aporte teórico realizamos leituras e estudos de textos de Antônio Cândido (1995), Michèle Petit (2009), Rildo Cosson (2011, 2014), Maria Helena Martins (2002), Paulo Freire (1989), Eliane Yunes (2002), Magda Soares (2004), Valdir Prigol (2010), Umberto Eco (1936), entre outros.

Em artigo “Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa”, os autores Camila Junqueira Muylaert e outros (2014) destacam que:

o método das narrativas revela-se um importante instrumento para se realizar investigações qualitativas, dispondo para os pesquisadores dados capazes de produzir conhecimento científico comprometido com a apreensão fidedigna dos relatos e a originalidade dos dados apresentados, uma vez que permitem no aprofundamento das investigações, combinar histórias de vida a contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores que motivam (ou justificam) as ações dos informantes. (MUYLAERT, 2014, p.198)

No momento da entrevista narrativa, ao propor que discorra livremente a partir de uma questão aberta, o entrevistado deve se expressar com pouca interferência do entrevistador. Esta interação mais fluida, menos estruturada e dirigida, possibilita maior riqueza de detalhes com naturalidade e “comprometimento com a realidade cotidiana”.

Nas entrevistas narrativas, os mediadores discorreram sobre suas memórias de leitura, as experiências e práticas de leitura no seu dia a dia, sobre a importância da leitura e da mediação, como funciona seu projeto, o porquê da iniciativa, as estratégias utilizadas e suas expectativas com o projeto. Segue abaixo quadro com o roteiro utilizado na entrevista tendo como base as fases principais da entrevista narrativa segundo Jovchelovich e Bauer (2002) retirado do artigo Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.

Quadro 1: Fases principais da entrevista narrativa:

Fases da Entrevista	Regras para a entrevista
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões exmanentes.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais (opcional).
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralingüístico para continuar a Narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).

Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas exmanentes para Imanentes.
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê”? Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: Jovchelovich e Bauer (2002) apud Muylaert (2014) p.195

A partir do quadro elaborado por Jovchelovich e Bauer (2002), acima transcrito, elaboramos o roteiro para as entrevistas narrativas dessa pesquisa, como seguem abaixo:

Quadro 2: Roteiro da entrevista narrativa desenvolvido para a pesquisa

Fases da Entrevista	Regras para a entrevista	Questões elaboradas
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões exmanentes.	Conhecer um pouco sobre o entrevistado Nome, profissão...Questioná-los sobre suas memórias de leitura, particularmente literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecer se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros.
Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais (opcional).	Apresentar algumas imagens de leitores – diversas faixas etárias (criança, jovem, adulto, idoso), gêneros, mídias; imagens clássicas de leitores; propor que o entrevistado comente sobre suas práticas de leitura e como esta se dá no seu dia a dia. Questionar sobre a importância da leitura em sua vida e mediação da mesma.
Narração central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralingüístico para continuar a Narração. Esperar para sinais de finalização (“coda”).	Pedir para narrar sobre seu projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.
Fase de perguntas	Somente “Que aconteceu então?”. Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições.	Realizar poucas interferências apenas para completar a fala do entrevistado (depende da fala que será proferida de acordo com a

	Não fazer perguntas do tipo “por quê?”. Ir de perguntas exmanentes para Imanentes.	narração central.
Fala conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo “por quê”? Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.	Você se considera um modelo leitor? Por que é importante a mediação leitora? Quais as suas perspectivas com esta iniciativa? Como pensa a experiência de leitura compartilhada?

Fonte: da autora, 2017

A escolha desse dispositivo para construção dos dados apresentados nesta pesquisa, a saber, da entrevista narrativa se deu porque a mesma é possível relatar a sua experiência dar riqueza de detalhes, oportunizando narrar sobre suas experiências enquanto mediador de leitura. As entrevistas com os mediadores foram individuais e realizadas em dias diferentes. No dia 27 de outubro com a professora Katia Cristina Novaes Leite, em 28 de outubro professora Geni, 02 de novembro professor Marcio e 03 de novembro com a professora Karine Cristina Novaes Leite. No capítulo seguinte, apresentamos a síntese e análise das entrevistas dos mediadores responsáveis pelos projetos, tecendo relações com as categorias teóricas levantadas no primeiro capítulo, a saber, leitura e letramento literário, como abordada por Petit (2008,2009), Yunes (1994), Cosson (2011,2014), entre outros.

4 ENTREVISTAS E PROJETOS

4.1 Síntese e Análise das entrevistas

Neste capítulo apresentamos os resultados e análises das entrevistas narrativas com quatro mediadores de leitura responsáveis pelos projetos selecionados: Projeto Literatura e Identidade, coordenado pelas professoras Katia Cristina Novaes Leite e Karine Cristina Novaes Leite as duas são irmãs, a entrevista foi realizada individualmente; Projeto Biblioteca Andante, pelo Professor Antônio Marcio Melo da Silva, e o projeto Clube da Rua Limpa, da professora Geni Pereira Alves.

A escritora Michèle Petit (2009) em seu livro “A arte de ler ou como resistir à adversidade” narra as experiências de mediadores de leitura e de leitores de diversas partes do mundo que se encontravam em situações de conflitos pessoais e sociais. Petit convida-nos a refletir sobre a contribuição da leitura mediante tempos de crises ou tempos difíceis, em termos de desenvolvimento de estratégias de resistência e de resiliência, para sobreviver às precariedades da vida e perdas que afetam a representação de si mesmo e o sentido da existência. Desse modo, a leitura auxilia nos momentos de desarranjos internos individuais, assim como em conflitos coletivos.

De maneira bem particular, as memórias de leitura relatadas pelos mediadores durante a entrevista marcam o despertar e o gosto pela leitura literária a partir da influência de um ou mais mediadores – a família, os amigos no período da infância ou adolescência. É possível perceber a presença marcante da família nesse processo, mais do que a instituição escolar. Percebe-se então que a relação de mediação é, antes de tudo, afetiva e próxima.

4.1.1. Contextualizando os projetos

Os projetos são realizados na cidade de Jacobina Bahia, situada na região norte da Bahia, no extremo norte da Chapada Diamantina, com população estimada em 2016 de 83.435 habitantes. A cidade possui uma Biblioteca Municipal, bibliotecas escolares e a biblioteca setorial da Universidade do Estado da Bahia Campus IV.

4.1.1.1 Projeto Literatura e identidade

O Projeto Literatura e Identidade é desenvolvido na APAE desde o ano de 2013. Seu objetivo é fortalecer/reconfigurar a identidade da pessoa deficiente intelectual com o apoio da literatura infanto-juvenil. O projeto atende a todas as crianças que estudam na APAE e foi elaborado pelas professoras Katia Cristina Novaes Leite e Karine Cristina Novaes Leite. São explorados livros da literatura infanto-juvenil que apresentam histórias de superação próximas do real da vivência diária do público leitor como Espelho, Suzy Lee; Draguinho: diferente de todos, parecido com ninguém, Cláudio Galperin; Do que é que você gosta?, Gerard Gréverend; Chora não...!, Silvia Orthof; Cada cabeça é um mundo, Luís Augusto Gouveia; Asas da imaginação, Luís Augusto Gouveia; Diversidade, Tatiana Belinky, entre outros, a fim de que valorizem suas potencialidades e desenvolvam a sua autoestima, reconhecendo que apesar de suas limitações são capazes de enfrentar seus problemas mesmo que a sociedade lhes diga o contrário como afirmam as professoras Katia e Karine.

As informações aqui apresentadas foram retiradas do Projeto escrito elaborado pelas mediadoras. Os objetivos listados no projeto são os seguintes: “Promover o desenvolvimento da leitura e oralidade dos alunos; Proporcionar aos alunos o hábito e o prazer da leitura incentivando a formação de leitores; Conhecer o autor e contexto histórico de suas obras; Favorecer as relações sociais por meio de apresentações culturais; Reconhecer a leitura como algo imprescindível em sua relação com o outro e com o mundo; Identificar as diferentes formas de viajar através da leitura; Entender que a leitura e a escrita desafiam nossa imaginação e possibilitam o crescimento intelectual; Utilizar diferentes linguagens como meio para produzir, expressar e permitir a construção de pontos de vista de uma visão de mundo, e atribuição de sentido; Favorecer o desenvolvimento de um pensamento abstrato, complexo e de natureza diferenciada daquele permitido pela linguagem oral; Propiciar uma relação criativa crítica e libertadora com a escrita, mostrando-se como desafio para qualquer processo de democratização e mudança social coletiva. Despertar o gosto pela leitura, formando estudantes mais críticos, coerentes e com maior facilidade de interpretação; Ampliar o vocabulário, as experiências de leitura com o grupo e individualmente; Oportunizar aos estudantes o acervo de inúmeras obras literárias de variados autores, buscando sempre, ampliar seus conhecimentos e suas capacidades criativas”.

Quanto a metodologia são realizados dois encontros semanais de 1 hora e 30 minutos para os alunos acima de 08 anos e 30 a 50 minutos para os menores. Por meio de atividades como leitura das obras selecionadas; recontos e dramatização das histórias; oficina de Artes;

oficina de Poesia, confecções de cartazes; círculo de Leitura; sarau poético; leitura no parque/prça; Produção de textos diversos (filmes, cartazes, textos imagéticos, enigmáticos), exposições de cartazes; ilustrações de trechos das obras; entre outras.

4.1.1.2 Projeto Biblioteca Andante

O projeto Biblioteca Andante surgiu diante do desejo do professor Antônio Marcio Melo que é professor de História no Ensino Médio, de criar uma biblioteca que atendesse aos jovens da periferia. Porém, como o mesmo não teve condições para concretizar o seu desejo ele passou a aplicar o projeto em outra modalidade de nome Biblioteca Andante desde o ano 2014. O projeto consiste em intervenções realizadas em vários lugares como em praças, nas ruas, escolas, eventos escolares e acadêmicos etc. Não tem um lugar específico, as ações são esporádicas e atendem a todo e qualquer público – crianças, jovens e adultos, todos podem participar da intervenção no momento em que esta estiver sendo realizada. O projeto é mantido por meio de doações do material e consiste no empréstimo e na maior parte das vezes de distribuição (doação) ou troca de livros ou revistas.

O projeto tem ganhado destaque e atendido muitas pessoas principalmente os jovens e, além disso tem se estendido para outras cidades vizinhas. Um projeto inovador, sai dos muros da escola e vai ao encontro do leitor em vários espaços diferentes, incentivando e promovendo a leitura, dando acessibilidade a muitos que não tem condições de comprar um livro ou não tem acesso a biblioteca. O mediador Professor Márcio se sente gratificado em poder com seu projeto despertar o interesse e gosto pela leitura, e proporcionar as pessoas a experiência com o mundo da leitura.

4.1.1.3 Projeto Clube da Rua Limpa

O Clube da Rua Limpa foi criado em 14 de outubro de 2005 pela professora Geni Pereira Alves, motivada pela necessidade de manter contato com as crianças: após 31 anos como professora, a mesma nos informa que o projeto visava preencher o vazio na sua vida deixado pela escola.

A ideia de formar um grupo que teria como primeira atividade manter as ruas limpas ocorreu em função da sujeira das ruas. Assim, a professora começou a reunir as crianças da Rua Jequié, no bairro da Missão. Iniciou com 18 crianças participando, e tinham como

principal atividade manter as ruas limpas e impedir os adultos de jogarem “bitucas” de cigarros e palitos de fósforos no chão. Ao final de cada tarde, após as crianças e a professora Geni recolherem o lixo, as crianças eram premiadas com um lanche. Assim, começou com 18 crianças e no final do ano, em dezembro, já contava com um total de 40 crianças e a cada dia novas crianças desejam participar do projeto.

O projeto tem 11 anos de existência e é mantido pela própria idealizadora e por doações de outras pessoas que ajudam. A mesma compra livros quando solicitados pelos participantes com recursos próprios. Inicialmente ela montou apenas uma sala com os livros e atualmente o projeto foi ampliado. Hoje a sala de leitura ocupa a maior parte de sua casa com livros e fotos. Recebe sempre visitas de alunos de várias escolas e diversas pessoas. Tem um público leitor diversificado crianças, adolescentes e os pais também leem. Os leitores são premiados todos os anos: quem lê a partir de cem livros é presenteado. A professora acompanha sempre as leituras ao devolverem o livro fazendo alguns questionamentos sobre a obra lida ou pede que o leitor resuma oralmente para ela ter certeza que leram, assim também é uma forma de compartilhar a leitura com a mediadora.

4.2 Memórias de leitura literária dos mediadores

Segundo a professora Katia Leite, o livro que mais marcou a sua infância e pré-adolescência foi o livro *Meu pé de laranja lima*. Lembra-se de *O pequeno príncipe* e da coleção *Vagalumes*. Ela nos diz que sempre gostou muito de ler e seu pai lhe presenteava com livros. Na época que fazia o curso de Letras, gostava muito de Florbela Espanca, José Saramago, Machado de Assis, Clarice Lispector:

Também gosto de Jorge Amado e tem também uma obra dele (a gente vai sempre fazendo relações das obras com as nossas vidas) eu sempre fui uma moça meio tímida, houve uma época que eu me achava feinha e tem um livro dele que eu adorava porque eu achava que contava a história da minha vida. Eu queria ser como essa moça, como Ádima do livro *A descoberta da América pelos turcos* (risos) naquela época é uma coisa assim, você fica sonhando, ah quem dera ser como aquela moça que era feia, mas que depois todo mundo descobre que era muito gostosa. (prof^a Katia)

E continua:

A literatura pra mim foi sempre essa coisa lúdica, você vai relacionando a fatos da vida, a coisas que você quer, te dar essa oportunidade de ver o mundo de outra forma, faz com que reflita sobre você e o mundo a seu redor então a minha relação com o literário sempre foi essa uma postura reflexiva. O ler sempre foi essa coisa assim de me colocar na frente de uma

realidade e eu a partir dessa realidade pude enxergar outras coisas e enxergar a mim mesma muitas vezes, a literatura sempre fez isso comigo.
(Profª Katia)

Para Petit (2009), por meio da literatura o leitor constrói sua autonomia enquanto sujeito, reconhece a si mesmo no outro, modifica a forma de pensar sobre o mundo a sua volta. Ricardo Piglia (2004) apud Prigol (2010) “ A leitura é a arte de construir uma memória pessoal a partir de experiências alheias. As cenas dos livros lidos voltam como lembranças privadas”. É uma experiência de encontro consigo mesmo através do outro por meio da leitura. A possibilidade de “sermos outros além de nós mesmos se dá através dessa experiência”, como afirma Castro Rocha (2004) citado por Prigol (2010). Ao ler uma obra literária principalmente narrativa, é comum nos colocarmos no lugar do personagem, relacionar o que estamos lendo a nossa vida. É uma possibilidade de compreender a nós mesmos através do outro, conhecer mais sobre a própria subjetividade.

A professora Karine Cristina Novaes Leite exerce a profissão há alguns anos e é irmã da professora Katia também vê a literatura como representação do eu, da nossa realidade:

a literatura permite para além de um texto informativo, permite um bate papo. No bate papo é onde o meu aluno vai falar sobre os medos dele por exemplo, entendeu, eu trago o medo de um personagem mas esse mesmo personagem é o personagem da vida real, somos nós, somos nós aquelas pessoas que estamos ali na história. Tudo bem que tem uma contextualização diferente que as vezes é preciso utilizar meios mais claros e mais óbvios principalmente com o deficiente intelectual mais claros, assim no sentido de entender realmente a mensagem que tá sendo transmitida por aquele texto (...). (Karine Cristina)

Karine relata o primeiro contato que teve com literatura. Lembra que na escola ela ouvia histórias, mas sua irmã lhe presenteou com alguns livros “os contos da carochinha e outras histórias cantadas”. A mesma acredita ter sido nesse período despertado o gosto pela leitura. Ela enfatiza se recordar mais das histórias dos livros que lhe foram dados de presentes e não tanto das que lhe foram contadas na sala de aula. Ela diz que por ter gostado tanto desses contos e os tê-lo guardado na memória, decidiu levá-los para a sala de aula e dividir as experiências com sobrinhos e filhos de vizinhos.

O professor Marcio conta que começou a desenvolver o gosto pela leitura lendo revistinhas em quadrinhos e por causa de amigos que lhe influenciaram. A sua primeira referência de autor foi Stephen King, escritor famosíssimo pelos seus livros de terror suspense. No final do ensino médio começou a buscar outras leituras: ele informa ler desde

autores clássicos a não clássicos, e muita literatura juvenil também diante da sua atuação como professor. Segundo o mesmo, “a leitura sempre esteve presente em minha vida desde as revistas em quadrinhos até...acho que (risos) até a véspera da morte (risos) ela vai me acompanhar”. O seu gosto principal de leitura e autores preferidos são do século XIX e XX e cita o nome de alguns: Bertold Brecht, Franz Kafka, o escritor alemão Hermann Hesse, José Saramago, Carlos de Drummond de Andrade, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Adélia Prado. Ele cita também poetas da literatura marginal, como Sergio Vaz e Ferréz, da literatura russa, Fiodor Dostoiévski e Górkki. Ele afirma que esses escritores lhe influenciam bastante, ressalta que não lê apenas autores famosos, mas tudo que acha interessante.

A professora Geni diz que sempre incentivou a leitura desde quando trabalhava em sala de aula, tinha sempre o cantinho de leitura sempre que começava a aula lia um texto, tinha a coleção de Monteiro Lobato. Com a aposentadoria ela passou a desenvolver o seu projeto e diz que compra os livros para emprestar quando solicitam. Ela sempre lê os livros primeiro antes de emprestar aos leitores. Ela diz que todo livro tem uma parte que chama a atenção.

Ao solicitar que falassem sobre suas práticas diárias de leitura e importância da leitura e da mediação percebe-se, a partir das falas dos mediadores, que a leitura faz parte de suas vidas diárias: eles são, leitores, estão sempre lendo algo, seja um texto informativo ou um texto literário para se informar, estudar, deleitar-se.

Para o professor Marcio, a leitura é importante, é um alimento, é uma forma de interagir e conhecer outros lugares, outras culturas: “livro pra mim é sempre é todo dia, toda hora, não tem hora específica pra ler, não tem um momento certo. Eu acho que qualquer momento é certo pra ler um livro”. Ele diz que sempre busca motivar as pessoas a sentir o gosto pela leitura e de saberem a importância do livro na vida de alguém por meio de tudo que faz, projetos, nos seus textos artigos, na sala de aula e fora dela também. As palavras de professor Marcio confirmam o que afirma Pétit (2008): o gosto pela leitura não surge pela simples proximidade com o material, é preciso lhe dar vida por isso importância do mediador no incentivo, na troca, diálogo e vivência com a leitura.

Para a professora Geni a leitura é tudo. Ela afirma que sua sala de leitura é seu mundo, olhando as suas fotos, lendo, selecionando os livros, limpando e não troca por nenhum passeio em qualquer lugar. Todos leem, da criança ao adulto, e ela está sempre promovendo e incentivando a leitura, faz concursos com premiações, visita algumas escolas

para falar da leitura. Quando chega o mês de dezembro organiza as cadernetas para ver quem leu mais e dar premiações para quem leu mais de cem livros durante ano.

A professora Katia inicia dizendo que lemos por vários motivos, seja uma leitura de informação para nos mantermos informados sobre o que está acontecendo e que nos dar base para se posicionar politicamente e ideologicamente ressalta, ela fala da leitura necessária que é preciso em determinado momento por conta de trabalho ou estudos e que muitas vezes pode ser prazerosa ou não, e a leitura de fruição que pode estar ligada a sua necessidade de trabalho, mas que também lhe dá prazer, e por fim cita a leitura que é puramente fruição, aquela leitura que gostamos de fazer e que você ler e reler várias vezes:

Eu adoro ler Dom Quixote, eu adoro ler As mil e uma noites, então eu tenho a coleção inteira e de vez em quando eu me pego novamente lá dando aquelas folheadas, fugindo da leitura formativa e da leitura necessária pra fazer aquela leitura que vai me restabelecer como pessoa. um romance novo que alguém me presenteou, um livro novo, uma história nova, um autor novo que alguém me apresentou.
(Prof^a Katia)

Ela diz que a sua família foi responsável por sua trajetória de leitura enfatizando principalmente o seu pai: sucateiro, sempre que encontrava livros no lixo lhe trazia pois sabia que ela gostava de ler isso foi decisivo para ela. A mesma considera a leitura muito importante, diz que sempre ganhou livros e sempre os valorizou e acrescenta: “O livro é visto com esse amor, com esse amor e respeito por essa coisa que te para, que ocupa o tempo e que te enche a memória a lembrança a imaginação e as ideias mesmo, eu acho que o livro é esse lugar”.(Prof^a Katia)

Segundo Karine, a sua prática da leitura acontece na leitura de textos informativos, textos compartilhados nas redes sociais como *whatsapp*, *facebook*, *e-mail*; relata que tem percebido que o contato com a leitura está cada vez mais ligado à tecnologia, mas ela destaca que acha muito mais interessante a leitura do livro impresso. No momento, tem lido livros mais voltados para a educação especial, área em que atua, mais especificamente na arte-educação, leituras que para ela servem para melhorar a sua prática. Para Karine, a mediação já ocorre no momento em que se permite o contato com um livro ou texto, não precisa necessariamente está lendo, segundo ela permitir o contato já é mediar e isso ocorre frequentemente por ela ser professora

É importante ressaltar também que a leitura precisa fazer parte da vida diária do mediador, isto é, precisa ser experimentada, vivenciada, pois como afirma Yunes (1994),

assim como Petit (2008) se não viver um ato permanente de enamoramento com a leitura será difícil promovê-la. Cabe aos mediadores serem leitores exemplares, enamorados, para a partir de suas vivências e experiências literárias despertarem o interesse de outros leitores.

4.3 Detalhando os projetos

Nesta seção abordaremos as questões propostas e as respostas para tentar compreender como as experiências destes leitores se concretizam em seus projetos de leitura como um dos fatores para que estes tenham se tornado bem sucedidos.

4.3.1 Primeira questão

Falando um pouco sobre os projetos: como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.

Segundo a professora Katia percebeu-se que “outras configurações precisavam ser dadas em relação a leituras para as pessoas com deficiência e que deveriam ser exigidas por elas mesmas: precisavam firmar suas individualidades e o direito à fala, assim como acesso a ler literatura. Muita gente infantiliza a pessoa com deficiência vai ler para ela apenas contos clássicos. Ela ressalta que os clássicos são importantes sim, mas é preciso saber ao mediar a leitura dos clássicos para que não diminua a auto estima. E tem outros livros que se aproximam mais da realidade e se contrapõe, como *Espelho de Suzy Lee*, *Draguinho*, *diferente de todos parecido com ninguém*. A ideia inicial foi justamente trabalhar com a autoestima dos alunos: a gente vem com esses livros na roda de conversa “Quem conta um conto”, no final de 2012, 2º semestre, e aí depois a gente resolveu ampliar esse próprio projeto de literatura e identidade porque a gente percebeu que além da auto estima a gente queria trabalhar com essa questão da própria identidade do aluno mesmo; ele poderia reconstruir o pensar si mesmo de forma diferente a partir das histórias de superação reais dos livros e não as histórias que se tinham como superação, mas que eram supostas superações. Então, você transformar-se em outro para agradar é uma suposta superação. Mas você ser o que você é e mesmo assim você ser reconhecido e aceito, mostrar-se produtivo e atuante que aprende que produz aí é diferente. Então, nasceu mais ou menos aí. A gente fez uma seleção de livros, materiais, nós lemos muitos livros nessa perspectiva, consultamos algumas indicações montamos o projeto e aí começamos a desenvolver as atividades do

projeto que consistia na questão da leitura, na produção escrita, na produção artística a partir das obras lidas, as rodas de conversa, o envolvimento com a música, o teatro, os saraus, a transformação em poesia, a questão da plástica mesmo quem não pinta então a própria modelagem também é muito marcante no projeto e nisso aí acho que a gente vem ajudando os nossos alunos e eles vem nos ajudando também a entender esse processo de reconstrução das próprias da forma que cada um pensa a si mesmo”. Quanto as dificuldades, ela conta que precisou contar com a ajuda de algumas pessoas na doação de livros, mas também tem alguns direcionamentos de verbas para comprar o material. “São mais benefícios e alegrias do que dificuldades” diz Katia.

A professora Karine narra um fato que aconteceu com ela em que a mãe de uma aluna veio pedir ajuda para sua filha que passou a sentir medo de eletricidade: a professora conversa com a mãe diz que que uma das maneiras de ajudar a superar sentimento medo é através da literatura proporcionando ao aluno pensar e refletir a partir de um conto por exemplo, refletir sobre a realidade, um diálogo sobre os sentimentos e sensações.

eu acho que a literatura é mais tocante pra mim quando eu consigo entre mil aspas resolver um problema junto ao meu aluno sabe, trazer um problema que tá numa história trazer pra vida dele pra minha vida e juntos a gente tentar resolver algumas questões. Eu acho que minha maior alegria é quando eu consigo fazer com que a literatura resolva problemas mesmo, assim não vai resolver como um todo mas o fato deles conseguirem falar (Profª Karine)

Karine lembra de uma história intitulada “Draguinho diferente de todos parecido com ninguém” trabalhada no projeto que mexeu muito com os alunos e se identificaram relacionando com a vida deles mesmos. Para ela, a partir de histórias como essa é importantíssimo a intervenção do professor como um questionador que induz a refletir “a pensar em possibilidades e escolhas que eles podem ir trilhando na vida deles próprios” diz Karine. Exemplo dado porque a mesma considera a literatura muito importante para ajudar a solucionar problemas do cotidiano.

Já o projeto Biblioteca Andante, de acordo com o professor Marcio, surgiu a partir da sua vontade de criar uma biblioteca pública para os jovens da periferia, mas como ele não teve condições de ter um espaço, o projeto se concretizou da forma que é realizado hoje:

O Projeto Biblioteca Andante foi criada em 2014 lá no colégio que eu ensino que é o CEEP Felicidade e o nome da biblioteca e a ideia surgiu após a leitura de um livro de Eduardo Galeano, um escritor uruguaio, “As

palavras andantes”, que é um livro maravilhoso. Tem um texto nesse livro que é muito legal, conta a aventura de um cara que tinha uma biblioteca com mais de 5 mil livros, e aí ele saía pelo deserto levando esses livros pra os lugares em cima de camelos – era a biblioteca andante. Daí surgiu a ideia de colocar o nome (risos). A gente não tem camelo, mas a gente leva os livros de várias maneiras, em vários lugares, em cima de uma moto ou num carro que o colega empresta, num ônibus, então todo veículo serve pra gente levar esses livros pra os diferentes locais e lugares. A ideia é levar o projeto, as intervenções, para locais da nossa preferência, com o público mais pobre, pessoas que geralmente não tem acesso aos livros, porque livro ainda é muito caro no Brasil né, infelizmente” (Profº Marcio).

O projeto faz intervenções em escolas públicas, nas ruas, em locais públicos tem sido um sucesso pois inclusive tem realizado intervenções em outras cidades. É mantido por meio de doações de livros e revistas, nas intervenções são trocados os livros ou mesmo doados para as pessoas que passarem no momento. A proposta desse projeto se encaixa na afirmação de Petit, em *Os Jovens e a leitura* (2008):

Para a grande maioria dos jovens dos bairros marginalizados, o saber é o que lhes dá apoio em seu percurso escolar e lhes permite constituir um capital cultural graças ao qual terão um pouco mais de oportunidade para conseguir um emprego. E a biblioteca é um lugar onde é possível encontrar documentos e livros de consulta ausentes em suas casas, para que possam preparar uma exposição ou uma monografia. Pois, se algumas famílias compram uma enciclopédia para as crianças, na maioria das casas, os livros são um objeto raro ou até inexistente. (PETIT, p. 64)

A autora ainda acrescenta que “nesses bairros periféricos não são apenas as construções que estão em más condições. (...) Para muitos que vivem ali, também está danificada a capacidade de simbolizar, de imaginar e, a partir daí, de pensar um pouco por si próprio, em si próprio e ter um papel na sociedade”.

Sobre o Projeto Clube da rua limpa, a professora Geni relata que para não sentir falta da escola começou um trabalho com a turma de incentivo e manutenção de limpeza da rua, começou varrendo a rua. Ela conta que tinha alguns livros e levava para as crianças e adolescentes, e liam nas calçadas mesmo e foi assim que formou O Clube da Rua Limpa. No dia 14 de outubro completou 11 anos. Ela diz que foi morar na sua atual casa em 2007, onde montou uma sala de livros, mas o projeto foi crescendo e hoje ocupa a maior parte de sua casa. Ela diz que está sempre incentivando a leitura e pede aos participantes que mantenham a rua limpa. Ela afirma que teve avanços com o passar dos anos, pois o projeto começou nas calçadas e hoje tem um lugar próprio bem mais equipado. Muitos dos que começaram a ler desde criança já estão na faculdade, outros estudando no IFBA e isso, para ela, é a sua maior

alegria. Ela nos conta que recentemente uma jovem leitora chamada, Heloíse, frequente na sua sala de leitura, lançou um livro na bienal em São Paulo mencionando seu nome e o projeto. Cita também, emocionada, Maíra, que vai se formar em Direito no próximo ano; informa que são seus frutos e reconhecem a importância da sala de leitura. Ela diz que sempre compra livros de literatura solicitados pelos leitores de acordo com suas condições financeiras.

Observados com atenção, os projetos lançam mão de diferentes estratégias e diferentes formatos, mas compartilham o objetivo de incentivar e promover a leitura. Ademais, são iniciativas de mediadores que se dispõem a colocar em prática a democratização da leitura, dando oportunidades a jovens, crianças e adultos de desfrutar da leitura contribuindo para a formação leitora dos mesmos. Ao conhecer cada um desses projetos estou maravilhada, encantada com o belíssimo trabalho desses mediadores e seu enamoramento. A leitura é um direito a ser garantido, mas nem sempre esse direito é garantido a todos da mesma forma: para Antônio Cândido (1995), a literatura “é fator indispensável de humanização” corresponde a uma necessidade universal que precisa ser garantida .

Petit (2008, p.76) destaca que “a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos”.

4.3.2 Você se considera um modelo leitor?

É interessante que nas falas da professora Katia, professor Marcio e professora Geni percebe-se a concordância em reconhecer que, apesar das inúmeras práticas de leituras já realizadas, ainda precisam ler muito mais para se considerarem leitores modelos.

A professora Katia não se considera um modelo de leitor. Ela acha que deveria ler muito mais do que já leu principalmente no que se refere a literatura contemporânea, autores e livros atuais, pois tem muita coisa que ela gostaria de ter lido que não leu ainda devido a falta de tempo.

A professora Geni também não se considera um modelo leitor, ela afirma que lê bastante e gosta do que faz. A mesma disse que tem que ter amor dedicação no que você faz e buscar fazer algo por alguém como fez por seus alunos e continua fazendo.

Segundo o professor Márcio,

Eu gosto muito de ler estou sempre com um livro a mão, sempre que eu posso nos lugares que eu vou quando eu vou pra fila de um banco por exemplo estou sempre com um livro na mão porque é horrível você ficar numa fila olhando pro mundo, então eu prefiro ficar olhando pra páginas de um livro. Então, o leitor é aquele que ler aquele tá acompanhando o que está acontecendo no mundo da literatura. Então assim eu leio porque eu gosto. Eu não gosto muito dessa ideia de ser modelo pra ninguém, mas se com o que a gente faz acaba influenciando outras pessoas bom, é bom influenciar as pessoas pra o que é interessante, tem muita gente por aí fazendo o mal, acho que cabe a gente fazer o bem”. (Prof^o Márcio)

Já a professora Karine diz que se considera sim um modelo leitor porque para ela leitura vai além de escrita. Para a mesma leitura é foto, a leitura é natureza, a leitura são os espaços onde ela estar, leitura está em todos os lugares. “É leitura de mundo, enxergar e pensar sobre ele porque é isso que a literatura possibilita a gente” (prof^a Karine). Esta fala está em conformidade com Cosson ao afirmar que o ler está na compreensão de mundo e de nós mesmos, vai além das palavras, aprender a enxergar o mundo com um olhar mais crítico pensar e refletir sobre ele, a leitura vai além do que está escrito do tempo e espaço.

4.3.3 Mediação de leitura e suas perspectivas

Sobre a mediação consideram importantíssima a figura do mediador na promoção da leitura. Cada mediador falou de fatores importantes que se concretizam no ato de mediar a leitura.

“O mediador facilita a compreensão das coisas. O texto literário faz você ir a vários caminhos, é importante a ajuda do mediador no estabelecimento de conexões entre o que leu porque algumas vezes tem interpretação totalmente fora do assunto e o mediador pode lhe dar opções de compreensão.” (Prof^a Katia)

“Porque proporciona o contato com a literatura, fazer com que a literatura chegue no outro. O primeiro passo oferecer para apreciação e depois se aprofundar para despertar o interesse (...)” (Prof^a Karine)

Porque a leitura hoje em dia é fundamental, pois vivemos num mundo de símbolos precisamos decodificar e discutir, levar pra sala de aula a importância dos livros e ler também. Não tem como incentivar a leitura se não lermos. (Prof^o Marcio)

“É fundamental a orientação de um mediador que indique um livro. Tudo hoje é a leitura, tudo depende da leitura”. (Prof^a Geni)

É notável a importância de um mediador no incentivo da leitura promovendo e proporcionando experiências com o ato de ler. Como ressalta Petit, “o papel do mediador de leitura é, a todo momento, penso eu, o de construir pontes”. (PETIT, 2008, p 197). Este é um

dos fatores para o sucesso dos projetos aqui apresentados: os idealizadores cumprem o papel de mediadores, isto é, de leitores experientes, que constroem essas pontes entre os livros e a experiência da leitura para leitores iniciantes considerando seus projetos de vida: a leitura torna-se, então, prática e os projetos compartilhados. Nas falas de Katia e Karine, confirmada por Michelle Petit, a literatura é importante no processo de autonomização do sujeito e afirmação de sua identidade:

Conseguir com que as pessoas com deficiência se enxerguem melhor, percebam-se melhor a si mesmo que configure as suas próprias identidades melhorar a própria percepção de si no mundo. Questão de autoestima. (Prof^a Katia)

Melhorar a autoestima, permitir que pensem sobre suas potencialidades que são capazes. É muito difícil chegar na família, pois não acreditam na potencialidade dos filhos, infelizmente as escolas, o governo e outros fatores reforçam isso. Não ter o contato é não proporcionar que a pessoa tenha a leitura de mundo. É preciso valorizar as diversas leituras do nosso contexto social. É importante a mediação que traz o contato com o conhecimento. (Prof^a Karine)

As perspectivas são as melhores, pois com 2 anos já levamos a leitura pra muita gente. A perspectiva é continuar, recebemos convites das escolas e estamos sempre fazendo as intervenções. Tem muita gente que ajuda e incentiva, muita gente lendo. Vamos agora para as periferias. Seria interessante se houvesse incentivo financeiro para ajudar nas viagens, mas enquanto isso vamos continuando”. (Prof^o Márcio)

Não tem muita coisa de se esperar. Eu faço porque gosto e estou vendo os frutos, muitos já estão na faculdade e me agradecem. A importância da leitura, eu faço com muito amor. (Prof^a Geni)

4.3.4 O que pensam sobre leitura compartilhada

Quando questionados sobre o que pensa da leitura compartilhada, os participantes concordam quanto à importância da leitura ser compartilhada por estabelecer uma troca, um diálogo:

Ler para e com o outro significa que você está em sintonia com o outro que estamos juntos, que não está sendo obrigado. Uma troca interessante. (Prof^a Katia)

Tem que oferecer a leitura para ter uma resposta do outro lado, principalmente com pessoas com deficiência intelectual. (Prof^a Karine)

“Experiência de leitura compartilhada é importantíssima pois trocamos as leituras, os autores. É importantíssimo a troca de experiências, é

fundamental. Acho que é preciso se estender isso, sair dos muros da escola das quatro paredes de uma biblioteca por isso a importância da Biblioteca Andante. O diferencial do projeto é repassar os livros, não é preciso devolver, e não temos um público específico, é para crianças, jovem, adulto que tiver passando por ali no momento da intervenção que ocorre em vários lugares levamos pra todo mundo. (...) O projeto tem dados alegrias, tem mais retorno do que perdas, temos que fazer algo mais no dia a dia das pessoas. Quem tem vontade faz, eu tenho essa vontade e faço. (Prof^o Márcio)

É muito bom, pois cada um ler e interpreta diferente e é bom compartilhar. Eu sempre questiono sobre o que leu para saber se realmente a pessoa leu o livro. Hoje tem muitos fazendo faculdade. Eu já fico observando as fotos 11 anos já tem, tudo isso. (Prof^a Geni)

Ao considerarmos o mediador como figura importante entre o leitor e o texto, é fundamental entendermos a leitura como prática social, como um processo de constante interação, uma experiência singular, individual, mas também plural e cultural que contribui fortemente na formação leitora.

Neste capítulo, trouxemos as narrativas dos mediadores em relação as suas experiências nos projetos de leitura Biblioteca Andante, Clube da Rua Limpa, e Literatura e Identidade na busca de compreender de que forma a experiências e ações desses mediadores podem incentivar o gosto pela leitura do texto literário para além dos espaços formais, como a sala de aula. Os objetivos da pesquisa consistiu em mapear os projetos de intervenção leitora e formação do leitor literário em Jacobina; Investigar como a mediação contribui para que tais projetos alcancem resultados satisfatórios; relatar e registrar as memórias dos projetos a partir de entrevistas narrativas com seus coordenadores.

Para tanto, foi elaborado um roteiro para entrevista narrativa solicitando que falassem sobre suas memórias de leitura, particularmente literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecendo se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros; sobre suas práticas de leitura e como esta se dá no seu dia a dia. sobre a importância da leitura em sua vida e mediação da mesma. Pedir para narrar sobre seu projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços. Você se considera um modelo leitor? Por que é importante a mediação leitora? Quais as suas perspectivas com esta iniciativa? Como pensa a experiência de leitura compartilhada? Enfim, questionamentos que nortearam a coleta de dados e os resultados obtidos foram fundamentais para aprofundar a

abordagem teóricas sobre leitura e letramento literário, e a mediação de leitura no processo de formação do leitor literário segundo Cosson, Petit, Yunes, Cândido, Eco.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi mapear os projetos de intervenção leitora e formação do leitor literário em Jacobina. Partimos do seguinte problema de pesquisa pensar o papel do mediador, compreendido como um leitor experiente, frente a uma experiência de leitura compartilhada com outros leitores para pensar a leitura como prática e a formação de leitores para além da escola. Gostaríamos de compreender de que forma as experiências e ações desses mediadores podem incentivar o gosto pela leitura do texto literário para além dos espaços formais, como a sala de aula. Para isso, selecionamos os seguintes projetos Biblioteca Andante, Literatura e identidade e projeto Clube da Rua Limpa realizados na cidade de Jacobina coordenados por Antônio Marcio Melo da Silva, Katia Cristina Novaes Leite, Karine Novaes Leite, Geni Pereira Alves. Os critérios de escolha consideraram ser projetos que privilegiem o papel de mediação da leitura literária, serem projetos atuantes no incentivo à leitura com estratégias e públicos diversificados, além de apresentarem resultados positivos e grande visibilidade e adesão entre o público leitor.

No capítulo 1, abordamos algumas concepções de leitura, sobre processo de letramento literário, papel do leitor, a mediação de leitura, e a importância e necessidade das políticas de leitura. No capítulo 2, apresentamos a metodologia utilizada na pesquisa, o uso da entrevista narrativa para a coleta de dados. E no capítulo 3, apresentamos os resultados a síntese e análise das entrevistas feitas com os mediadores de leitura tecendo comentários e relacionando com os teóricos.

As experiências desses mediadores no Município de Jacobina contribuem significativamente no incentivo da leitura para além do espaço escolar como mostra na 3ª edição da pesquisa Retratos de Leitura ao constatar que a prática de leitura é mais frequente no período escolar, esses projetos utilizam-se de estratégias diversificadas que possibilitam a experiência (o contato) com a literatura de maneira dinâmica sem obrigações ou cobranças oportunizando um desfrutar da literatura, a experiência com o texto literário. Isso confirma o que a literatura específica sobre letramento literário tem apontado como fator de sucesso para projetos de fomento à leitura: promover e incentivar a prática da leitura por meio de projetos e ações inovadoras que tenham a figura do mediador como uma das estratégias para despertar o interesse pela leitura.

A partir desta pesquisa foi possível reconhecer a importância desses projetos e divulgar para aqueles que ainda não os conhecem, além de encorajar a outros mediadores de leituras em suas ações de incentivo, incentivando leitores a se tornarem mediadores,

construtores de pontes entre o livro e o leitor, para além de espaços formais de ensino/educação. Ademais, esta pesquisa inicia a construção de uma memória desses projetos de leitura na região de Jacobina, memória e registro das ações desses mediadores. É notável a satisfação e alegria dos participantes dessa pesquisa ao poder através de seu projeto, mesmo com algumas dificuldades, inserir uma criança, jovem ou adulto no mundo da leitura contribuindo para o contato com o livro, o desenvolvimento do senso crítico, despertando o gosto de ler, e principalmente o experimentar e vivenciar a leitura literária.

São ações como estas que viabilizam o letramento literário que somente a escola não tem conseguido realizar, como comprova a pesquisa Retratos de Leitura no Brasil. É preciso um incentivo maior que torne o leitor não somente quando está frequentando a escola porque a escola exige, mas um leitor que deseja ler, que carrega a leitura para a vida diária, além do espaço escolar.

Como já discutimos a literatura possibilita a construção de si mesmo, compreender o mundo, o outro e a si próprio, a mesma tem um caráter humanizador. Portanto iniciativas como estas de mediação leitora fortalecem a convicção de como a ação de mediadores sociais contribui para a possibilidade de democratização da leitura em um país de grande desigualdade social e cultural.

Uma das limitações da pesquisa foi o curto espaço de tempo para a realização da pesquisa o que acarretou no acúmulo de atividades e estudos. Há muitas possibilidades de pesquisa entre as quais realizar entrevistas com os leitores participantes dos projetos, ou desenvolver uma pesquisa focando em apenas um dos projetos individualmente de maneira mais detalhada sobre as estratégias e ações no incentivo e promoção de leitura. Bem como, pensar sobre quais políticas poderiam contribuir com tais projetos. Esta pesquisa tem grande relevância para a sociedade e outros pesquisadores que se interessem em conhecer o trabalho desses mediadores em Jacobina e que também queiram contribuir na formação leitora dos jovens, crianças e adultos da cidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nádia Barros. **É do jeito da Gente que eu vou contar! Narrativas orais interfaces nas práticas educativas escolares.** 2016. 194. Trabalho Final de Conclusão de (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade Estadual da Bahia. Jacobina-BA, 2016.

CÂNDIDO, Antônio. **Direitos humanos e literatura.** Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/textos_dh/literatura.html. Acesso em: 27 set. 2016.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** 2ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. Literatura, leitura e escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita. In: PAIVA, Aparecida, MARTINS, Aracy, PAULINO, Graça, VERSIANI (Orgs). **Leituras Literárias: discursos transitivos.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelo bosque da ficção.** Tradução Hildegard Feist. Companhia das Letras: 1936.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos de leitura no Brasil 3.** Instituto Pró-livro.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel. SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs). Métodos de pesquisa; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

MUYLAERT, Caila Junqueira et al. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** 2014.

OLIVEIRA, Jeovana Alves de Lima. **Mediadores das práticas de letramento literário na voz de professores de Língua Portuguesa.** 126 f. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. O inteligível, o interpretável e o compreensível. In: Orlandi, E. P. **Discurso e Leitura.** São Paulo: cortez.; Campinas: Unicamp. 2000.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. Paris. Editora 34 Ltda 2008.

_____. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: 34, 2009.

PNLL – Edição atualizada e revisada em 2014.

PRIGOL, Valdir. **Como encontrar-se e outras experiências através da leitura de textos literários**. Chapecó, SC: Argos, 2010.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: uma proposta para sala de aula. Disponível em acervodigital.unesp.br.

VERSIANI, Daniela B.; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda (Orgs.) **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: Complexidade. Ed. PUC RIO; São Paulo: Loyola, 2002.

YUNES, Eliana. Políticas de formação do leitor – Por uma política nacional de leitura em livro. In: **A formação do leitor**: o papel das instituições de formação do professor para a educação fundamental, organizado pelo MEC (1994).

ANEXO I

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevista Projeto Literatura e Identidade prof^a Katia Novaes

Primeiramente eu gostaria que você falasse um pouco sobre você mesma, seu nome, profissão.

Meu nome é Kátia Cristina Novaes Leite. Sou professora, sou professora há 30 anos. Meu trabalho aqui na APAE começou em 93, logo que eu fui aprovada no concurso público pelo estado, optei por vim trabalhar na APAE então aí já são 23 anos de educação especial aí comecei a trabalhar em sala de aula como professora de alunos com deficiência. Nessa necessidade de dar uma maior atenção de dar um retorno em relação ao trabalho e as necessidades dos alunos a gente vai atentando também para o que precisa para se formar pra atender esses alunos e aí nesse processo de envolvimento com o trabalho eu fui também descobrindo o que eu queria pra minha formação. Eu entrei na APAE sendo apenas professora com o diploma de magistério, curso muito bom por sinal de muito significado em minha vida. E aí depois da APAE foi que eu fui fazer curso superior eu fiz Letras na UNEB aqui de Jacobina e depois do curso de Letra se depois do curso de Letras eu fui fazer especialização já em educação especial dadas essas necessidades mesmo pra suprir as necessidades que eu tinha quanto professora de alunos com deficiência e aí fui fazendo alguns cursos, curso de integração sensorial, curso de Bobat, curso de estimulação, deixa eu ver o que mais, curso bobat que eu falei, integração sensorial, estimulação precoce, estimulação essencial também, atendimento a crianças com paralisia cerebral, curso de ludicidade, vários cursos assim que iam fazendo com que essa necessidade de saber sobre o meu aluno fosse acontecendo né eu ia fazendo os cursos e ia ficando satisfeita mas também mais curiosa ainda pronto e nisso comecei aqui em sala de aula, hoje em dia eu trabalho também na avaliação dos alunos, oriento os professore, faço formação dos professores aqui na APAE. Então eu continuo professora já passei também por varias escolas particulares da cidade, trabalhei com educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio, no ensino superior na UNEB então minha formação meu trabalho ele é responsável por uma formação bem diversificada.

Me fale um pouco sobre suas memórias de leitura, particularmente literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecer se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros.

O livro que eu mais me lembro acho que um dos livros que marcou tanto a minha infância quanto o período de pré adolescência foi Meu pé de laranja lima (risos), Interessante né a gente sempre tem um monte de coisas que ficaram registradas assim na memória através desse livro é o primeiro livro assim que eu me lembro, me recordo da leitura no período da

infância e da pré adolescência. depois O pequeno príncipe também depois lá no Ensino Fundamental agente ia lá pra oda aquela coleção vagalume da Ática A Ilha perdida, O menino de asas eram leituras obrigatórias naquela época toda a depois você vai por aí por esse mundo, eu sempre gostei muito de ler meu pai me presenteava com livros gostava muito de comprar aquelas coleções que o pessoal passava vendendo nas portas que eram as enciclopédias além de vir os livros de pesquisa para escola vinha também os livros de literatura Aí eu tinha Iracema, Iaiá Garcia, Ubirajara, muitos livros (...). Depois eu fui fazer o curso de letras, no curso de letras agente sempre tem as nossas paixões né, agente se descobre gostando mais de alguns autores do que de outros Aí na época do curso de letras eu gostava muito de Florbela Espanca, José Saramago, Machado de Assis, Clarice Lispector. Tem um conto de Clarice,tem histórias que marcam a nossa vida e tem um conto dela que especialmente tem muito a ver assim comigo chamado Amor. Também gosto de Jorge Amado e tem também uma obra dele (a gente vai sempre fazendo relações das obras com as nossas vidas) eu sempre fui uma moça meio tímida, houve uma época que eu me achava feinha e tem um livro dele que eu adorava porque eu achava que contava a história da minha vida. eu queria ser como essa moça, como Ádima do livro A descoberta da América pelos turcos (risos) naquela época é uma coisa assim você fica sonhando “ah quem dera ser como aquela moça que era feia mas que depois todo mundo descobre que era muito gostosa. a literatura pra mim foi sempre essa coisa lúdica, você vai relacionando a fatos da vida, a coisas que você quer, te dar essa oportunidade de o mundo de outra forma, faz com que reflita sobre você e o mundo a seu redor então a minha relação com o literário sempre foi essa uma postura reflexiva. O ler sempre foi essa coisa assim de me colocar na frente de uma realidade e eu a partir dessa realidade pude enxergar outras coisas e enxergar a mim mesma muitas vezes, a literatura sempre fez isso comigo.

Apresentação de imagens

Acho que a senhora até já falou um pouco Como se dá a leitura no seu dia a dia?

A gente ler por vários motivos tem aí uma pessoa com a cara grave lendo um jornal eu chamo isso de leitura de informação, é aquela leitura que é obrigatória você tem que fazer ela porque tem a necessidade de informando sobre as coisas que está acontecendo contrastando posições. Ler uma notícia aí você lê uma opinião sobre essa notícia segundo alguém segundo outra pessoa, então as vezes a leitura deixa a gente assim a gente com essa cara meio grave de que a gente precisa entender as coisas, e a gente sempre vai procurar essa leitura de informação agente sempre vai ter que buscar várias fontes pra que a gente não siga apenas uma vertente da leitura informativa, leitura que vai dar base pra a gente poder se

posicionar muitas vezes politicamente, ideologicamente. Aí tem a leitura necessária também, tem coisas que a gente tá precisando ler naquele momento muitas coisas estão relacionadas ao nosso trabalho, aos nossos estudos, são leituras também que algumas dão prazer e outras deixam o gosto um pouco meio amargo porque demora muito pra compreender as vezes não tem os elementos necessários para fazer algumas conexões aí o entendimento demora um pouco, mas ele é necessária. E tem aquela leitura de fruição que é aquela leitura que você gosta de ler muitas vezes a leitura de trabalho vai estar associada a essa leitura de fruição também porque é muito legal quando você está percorrendo uma estante de livros seja virtual ou de uma biblioteca e você descobre que maravilha um livro novo sobre tal assunto e é exatamente aquilo que eu estava tendo a curiosidade junta a questão da necessidade com a fruição, tem aquela leitura também que é puramente fruição que a gente continua lendo e relendo quantas vezes forem necessárias os clássicos que a gente gosta. Eu adoro ler Dom Quixote, eu adoro ler As mil e uma noites, então eu tenho a coleção inteira e de vez em quando eu me pego novamente lá dando aquelas folheadas, fugindo da leitura formativa e da leitura necessária pra fazer aquela leitura que vai me restabelecer como pessoa. um romance novo que alguém me presenteou, um livro novo, uma história nova, um autor novo que alguém me apresentou.

Qual a importância da leitura em sua vida e a mediação da mesma?

A importância da leitura, acho tudo o que a gente é assim depois da família da gente, porque é a nossa base do conhecimento do que a gente é, a gente aprende a amar, a gente aprende a ser, a gente aprende a se enxergar como pessoa a partir da nossa família nas nossas relações familiares que também são responsáveis por nossa história de leitura. Em muitas casas infelizmente o jornal serve para embrulhar algumas coisas pra outras serve pra informação(...) Então, meu pai era sucateiro e eu achava interessante que as vezes na sucata vinha muito livro e eu tenho alguns livros raros que foram encontrados no lixo (risos) e ele trazia pra mim esses livros, ele sabia que eu gostava de ler eu acho que isso foi bem decisivo eu acho que os livros são muito importantes na minha vida por isso porque eu sempre ganhei livros e eles foram sempre valorizados, parecia que eu estava ganhando uma coisa muito importante desde pequena. Tenho sobrinhos eu não criei o meu filho desde pequeno, mas os meus sobrinhos desde muito pequenos os presentes, o desejo deles era livro. A minha sobrinha com dois três anos de idade ela me ligava e pedia: tia traz pra mim Comboios, Caracóis e saudade de Fernando Pessoa Por que? O livro é visto com esse amor,

com esse amor e respeito por essa coisa que te para, que ocupa o tempo e que te enche a memória a lembrança a imaginação e as ideias mesmo, eu acho que o livro é esse lugar.

Narre um pouco sobre seu projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.

Toda escola (a escola inteira) ela sempre gira em torno da leitura não tem escola se não houver um direcionamento para o ler. As vezes as pessoas costumam separar, ah aula de português aula de matemática. Aula de matemática tem conta, aula de português tem leitura e a gente sabe que não é bem assim. Uma conta, um cálculo matemático ele se constitui a partir da leitura e da interpretação que a gente faz dele, então ou você sabe ler ou você cai na cilada do não entender. Então toda escola tem seus projetos voltados para a leitura e como agente percebi aqui na APAE enquanto pessoa que muda e que está na educação há muito tempo, é que outras configurações precisavam ser dadas para as pessoas com deficiências e essas configurações muitas vezes precisavam ser exigidas por essas pessoas mesmos elas precisavam aprender a firmar suas individualidades e também a falar, teriam que ter esse acesso, esse o direito a ler a literatura como todas as pessoas leem. Muita gente infantiliza a pessoa com deficiência vai ler pra ela apenas contos clássicos. É claro que os clássicos são importantes, mas nessa nossa percepção de leitura e de clássico quando você não sabe mediar muito bem aquilo que você está lendo ao invés de você está mudando uma realidade fazendo com que a pessoa se veja melhor você acaba fazer com que ela se sinta pior. Vou só dar um exemplo: vou citar três clássicos da literatura, histórias de superação entre aspas O patinho feio, O corcunda de Notredame e Dumbo todos os três pode se considerar histórias de superação. O patinho feio era um patinho feio que depois virou cisne e ele foi reconhecido na comunidade dele; Dumbo era um elefantinho desajeitado que um dia percebeu que podia voar e aí ele começou a fazer sucesso na comunidade dele, foi separado da mãe dele e acidentalmente ele descobriu que sabia voar aí ele ficou famosíssimo; o corcunda de Notredame super feio também um quasímodo então depois que ele faz um sacrifício por amor ele passa a ser reconhecido na comunidade dele também. Aí a gente faz uma pergunta: será que eu tenho que deixar de ser patinho e ser cisne pra ser reconhecido? Eu tenho que fazer uma coisa fantástica pra começar a ser reconhecido? eu tenho que começar a voar? Será que eu tenho que morrer por alguém pra eu ser reconhecido e amado?

Será? E se eu não conseguir fazer um sacrifício de amor? E se eu não conseguir voar? E se eu não conseguir me transformar numa princesa, num príncipe ou cisne? Como vai ser a minha vida? Ela precisa ser infernal? Não. Então a literatura te dar isso. Você tem esse material, mas você tem outros muitos livros como Espelho de Suzili, Draguinho diferente de todos parecido com ninguém, que vão te dando esse contraponto. Então, a ideia inicial foi justamente essa trabalhar com a autoestima dos alunos. A gente vem com esses livros na roda de conversa “Quem conta um conto” no final de 2012 2º semestre, e aí depois a gente resolveu ampliar esse próprio projeto de literatura e identidade porque a gente percebeu que além da auto estima a gente queria trabalhar com essa questão da própria identidade do aluno mesmo ele poderia reconstruir o pensar si mesmo de forma diferente a partir das histórias de superação reais dos livros e não as histórias que se tinham como superação, mas que eram supostas superações. Então você transformar-se em outro pra agradar é uma suposta superação. Mas você ser o que você é e mesmo assim você ser reconhecido e aceito, mostrar-se produtivo e atuante que aprende que produz aí é diferente. Então, nasceu mais ou menos aí. Ai a gente fez uma seleção de livros, materiais, nós lemos muitos livros nessa perspectiva, consultamos algumas indicações montamos o projeto e aí começamos a desenvolver as atividades do projeto que consistia na questão da leitura, na produção escrita, na produção artística a partir das obras lidas, as rodas de conversa, o envolvimento com a música, o teatro, os saraus, a transformação em poesia, a questão da plástica mesmo quem não pinta então a própria modelagem também é muito marcante no projeto e nisso aí acho que a gente vem ajudando os nossos alunos e eles vem nos ajudando também a entender esse processo de reconstrução das próprias, da forma que cada um pensa a si mesmo.

E houve dificuldades? Sempre tem dificuldades, livros são caros bons livros são caros a gente precisou contar com a ajuda de algumas pessoas, muita gente doou alguns livros, a gente também tem alguns direcionamentos de verbas pra comprar o material, tem muita coisa que está no papel ainda que a gente não conseguiu fazer em relação aos livros, mas a recepção dos alunos é muito boa eles gostam muito e a gente trabalha em todas as faixas etárias desde os meninos que entram aqui com 3 4 anos, os bebês que entram pra estimulação agente costuma contar histórias até os adultos. Eu acho que são mais benefícios, mais alegrias do que dificuldades, as dificuldades são só as financeiras mesmo para adquirir o material. Porque aí. O projeto de literatura já se subdividiu depois em projeto de artes que já é outra história (risos) aí você vai justamente investindo, e ver que o aluno responde você deu e aluno responde e outras coisas vão surgindo a partir disso.

Você se considera um modelo leitor?

Não, eu deveria ler muito mais, eu poderia ler muito mais. acho que Tem muita coisa que eu gostaria de ter lido que eu não li ainda as vezes falta tempo, o trabalho também atrapalha um pouco, a gente também tem vida tem filho tem casa você não pode ficar o tempo todo ali. Mas eu acho que eu já li muita coisa que gostaria de ler, e ainda falta muita coisa também pra ler. literatura contemporânea mesmo eu não li quase nada (risos). Eu tenho leituras contemporâneas que são as leituras de estudo, agora em relação a literatura mesmo eu sei pouca coisa de livros atuais, de autores atuais, eu perdi muito, depois que eu sair da faculdade de Letras eu passei um bom tempo envolvida com literatura então eu sabia das atualidades fazia crítica literária e tudo. mas aí depois eu me envolvi totalmente na área de educação especial e aí a gente muda um pouco as leituras, fui para a formação de professores e aí muda ainda mais as leitura e você já não é mais um acompanhante tão assíduo do texto literário. Você é um leitor contemporâneo, mas não é um leitor de literatura contemporânea Isso me falta um pouco sim, então não sou modelo não(risos).

Por que é importante a mediação leitora?

O mediador facilita a compreensão das coisas. O texto literário faz você ir a vários caminhos é importante a ajuda do mediador no estabelecimento de conexões entre o que leu porque algumas vezes tem interpretação totalmente fora do assunto e o mediador pode lhe dar opções de compreensão.

Quais as suas perspectivas com esta iniciativa?

Conseguir com que as pessoas com deficiência se enxergue melhor, percebam-se melhor a si mesmo que configure as suas próprias identidades melhorar a própria percepção de si no mundo. Questão de autoestima.

Como pensa a experiência de leitura compartilhada?

Ler para e com o outro significa que você está em sintonia com o outro que estamos juntos, que não está sendo obrigado. Uma troca interessante.

Já finalizando a entrevista a prof^a Cátia lembrou:

Por que a escolha de trabalhar com a leitura

A literatura ela tem uma característica chamada verossimilhança. O que é verossimilhança? O que é verossímil. Você conseguir transpor, você transmutar você conseguir se enxergar né através dela. Então eu acho que tem assim como você se colocar no lugar do outro apesar de isso ser muito abstrato. Eu acho meio impossível você sentir o que o outro sente, mas de

certo modo a literatura ela te dar tanto prazer muitas vezes que ela faz com você consiga sentir alguns sentimentos que o outro tá sentindo naquela hora porque ela te provoca riso, ela te provoca tristeza, ela te provoca emoção. Então esse despertar de sensações e sentimentos eu acho que é muito importante né pra que você possa sentir um pouco do que o outro sentiu e poder perceber algumas realidades aí. É o que mais se aproxima, se colocar no lugar do outro (risos).

Entrevista com prof^a Geni Projeto Clube da Rua Limpa

Primeiramente gostaria de saber um pouco sobre você, seu nome, sua profissão

Pró Geni, Geni Pereira Alves, professora por gostar de ensinar, fiquei 31 anos em sala de aula só sair porque uma colega saiu. Então pra não sentir falta da escola, eu comecei um trabalho com a turma. então falei: quem não sujasse a rua eu dava um presente. Agora mesmo dia 14 de outubro fez onze anos. Aí reuni os meninos tinha muitos, terminou o ano com 40. A gente começava varrendo rua tinha merenda né, então pra não ficar só naquilo eu tinha uns livros eles trouxeram outros aí formou O clube da rua limpa Por que clube da rua limpa? Porque a gente limpava a rua, tinha os dez mandamentos, tinha que deixar a porta limpa e conversar com os pais pra não jogar aqueles toquinhos de cigarro. Então era tanto que Aí começamos nas calçadas da rua Jequié entreguei uns livro e comecei lendo vai vai uns traz um livro, até quando cheguei pra aqui em 2007 que eu coloquei uma sala ai foi aumentando os meninos eu fui assim mais promovendo quem lia mais ganhava presente e nisso já tem 11anos, só aqui onde estou já tem nove anos. Então foi crescendo, você olha assim as fotos menino que tinha dois anos hoje já está com doze, com treze foi levando hoje minha casa se resume toda na sala de leitura só tem um quarto, foto e livro é o pau que tem aqui né. E Nisso é diversão, entra um chega outro, dou presente a quem ler mais, já dei notebook, tablet, bicicleta então vou incentivando. Aqui lê de mamano a caducando sempre incentivando Acho engraçado que o pessoal pergunta: quem lhe ajuda? Eu digo ninguém, por enquanto só eu mesma que faço, é como se fosse o meu trabalho. Mas alguém lhe ajuda? Não, é o meu trabalho.

Fale sobre suas memórias de leitura, particularmente literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecer se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros.

A leitura eu sempre incentivei meus alunos tinha o cantinho de leitura, eu tinha a coleção de Monteiro Lobato ia sempre lendo, sempre no início da aula a gente lia algum texto eu sempre gostei de incentivar a leitura. Foi quando com a aposentadoria né que veio chegar como que eu ia fazer todos os tipos de leitura o que tiver. tem uma menina que faz farmácia em Salvador e ela : oh pró como eu queria que a senhora tivesse aqui pra me ajudar, porque sempre que preciso de um livro vou comprar. Chega um e diz : pró a senhora compra livro pra emprestar? Compro sim todo tipo de livro. o único que eu não empresto aos meus alunos são 50 tons de cinza foi um livro assim que eu não achei nada de importante sabe. uma menina com 12 anos “pró a senhora me empresta o livro”, comprei. Aí eu lembrei que eu tenho um amigo lá em Salvador leu ele fez “olha eu li o livro e só tem putaria” Aí quando eu fui ler o livro eu vi que não era apropriado chamei o pai e disse “não é pra sua menina, eu tenho o livro, mas só empresto para as casadas”. Eu tenho ele guardado mas não empresto, achei que não tem nada a ver é por isso que eu leio. Eu comecei a ler quando eu tinha um livro que eu ia emprestar a Talita ela com 10 anos “Atire a primeira pedra” eu pensei que era religioso, quando eu abrir o livro o que tinha de palavrão.

Todo livro tem uma partezinha, todo livro, José de Alencar agora mesmo tem aquele A culpa é das estrelas todo mundo leu, os de Augusto Cury, Nicolas é de acordo a eles que chega pedindo o livro, alguns veem na internet e diz pro compra esse livro e vai levando aí. Cada um tem seu gosto e procuro ver se eu tenho, todo tipo de livro. Agora são mais resistentes aos clássicos mas aos poucos estão lendo depende do professor pedir né.

Apresentação de imagens

Eu gostaria que a senhora me falasse um pouco sobre as suas práticas de leitura. Como se dar a leitura no seu dia a dia? Qual a importância da leitura na sua vida? Qual a importância da mediação ?

A leitura é tudo. Você ver o hábito de leitura, então de início você ver que já bota a criança pra ler desde pequeno só que eles não aceitam que a mãe escolham eles mesmos escolhem abre o livro e diz se gostou ou não coloca no classificador e leva. Aconteceu com meu sobrinho pequeno, ele disse: tia não vou mais pegar livro mãe não quer ler. Ah vou conversar com sua mãe. Ela só ler quatro vezes um livro(fala do sobrinho). Aí minha sobrinha: Oh Tia não estou aguentando mais, quer que leia toda hora. Então quando eles começam ler assim eu deixo que eles escolham, mas tem os livro de pequeno os de maiores. Então pegam levam, a maioria deles aqui os pais era quem liam e vem sempre trocar deixo a vontade pra eles escolherem os livros. De início quando não tem muita prática de leitura eu tenho vários

textos, eu dou uns textozinhos para eles lerem né aí mostrando que eles vão ler o texto para interpretar , cada texto que eles lerem vai formar um livro mesmo caso é um livro, se eles pegam ah esse ta grande ou pequeno. Na proporção que você ler um texto os textos vai formar um livro. No inicio , agora não, que tem muita gente, eu dava textos pra eles lerem textos selecionados, os livros, agora que cresceu(refere-se ao projeto) ficou mais difícil pra se reunir eles já levam mas eu sempre tinha reunião com eles ai mostrava Já tive em algumas escolas falando sobre leitura aí levava vários textos e dizia se você ler dez textos faz de conta que são dez capítulos de um livro nisso foi animando, animando hoje mesmo de surpresa chegou uma escola aqui ficaram lendo uns textos aqui prometi que ia na escola visitar e o tempo vai levando assim não ficar com a mente parada né Isso aqui é o meu mundo. No mês julho fui visitar o filho em Portugal passei 15 dias eu não troco minha sala de leitura um passeio em qualquer país fora aí, então aqui é o meu mundo, olhando minhas fotos limpando a poeira, lendo, selecionando os livros pronto quando chega agora em dezembro vou suspender as leituras que eu vou preencher as cadernetas. Eu sou diretora, secretária e tudo, ver quem leu mais. Todos que chegam a cem livros são premiados, mas pra isso eu tenho que acompanhar a leitura, se leu ou não. Aqui ler de mamando a caducando, pequeninhos pais mães incentivando tem muitas mães que leem Se você observar as cadernetas eu fiz um concursusinho ano passado com a escola Carrossel leram bastante né, as mães também leram. É assim vou inventando assim né, como eu quero também fazer no próximo ano um concurso com essa série Vagalumes que eu tenho bastante livros então vou ver se eu consigo turminha pra fazer um concurso começando com a Ilha perdida tudo né pra incentivar a ler esses livros aqui, que a gente não encontra pra comprar a série Vagalume eu fui ganhando, ganhando estou com um bocado ganhei mais um ali recente. Quem é que não leu a série Vagalumes? Quando você olha assim pra traz todos leram.

Então me fale mais um pouco sobre seu projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.

Dificuldades não, sabe. Então você ver que começou nas calçadas. Material tem né que eles tem os cadernos que eu anoto as cadernetas né então tem avanço, porque se você olhar onde eu comecei nas calçadas e hoje a gente ver assim o que passou né isso bem mais equipado muitas fotos eu já tinha desde aquele tempo né quando começou né quando. Então o pessoal quando vem aqui com sua cadernetazinha olham quem tá na faculdade vou acompanhando,

homenageando. A turma do IFBA, ano passado passaram umas 8 no IFBA fiz homenagem pra elas. Saiu também a primeira turma pra provar como a leitura é importante. Todas que leram aqui passaram no IFBA e tem um já na faculdade exemplo de Saron, binho meu sobrinho e outros aí, isso pra mim é a maior alegria né. Agora recente Heloíse que lançou um livro na bienal em São Paulo ela tinha dez anos quando começou a ler e eu fiquei assim emocionada quando ela mencionou meu nome no livro e sempre falava que foi importante eu ter emprestado livro só isso pra mim ó me botou lá em cima. E já tem aqui uma no próximo ano que vai ser minha primeira doutora Maira já vai se formar em Direito no próximo ano. tinha treze anos quando começou são os meus frutos e elas reconhecem né a sala de leitura de eu comprar livro que era dificuldade as vezes não tinha o livro né e eu comprava compro ainda né de acordo o que posso vou comprando. Já chegam “Pró tem tal livro” já vou comprar com exceção de Cinquenta tons de cinza que esse eu não empresto a minha turma, empresto as casadas mas as outras não.

Você se considera um modelo leitor?

Não digo assim modelo sabe, leio bastante né. Não me considero um modelo sabe é gostar, a pessoa tem que gostar do que faz. Eu fiquei 31 anos em sala de aula a minha escola é como se fosse uma diversão. Quando Araci trabalhava tema no final do o que que eu ia fazer pra meus alunos no meu último ano peguei dois alunos que não liam. O que foi que eu fiz paguei banca e ainda fui criticada “você pagar?” eu digo vou deixar esse aluno ir pro colégio eu acompanhava ainda na 5ª série né então era uma diversão. Me inscrevi em 71 no concurso Banco do Brasil entrar no banco do Brasil antigamente era o maior status, como em 71 eu já estava ensinando no colégio em Caatinga do Moura então desisti, não fui. Digo eu prefiro ganhar pouco ensinando do que ir pro banco do Brasil ganhar mais. E nisso pronto não acho esse negócio de greve, não acho que o professor ganha pouco então tem que gostar do que faz. Então não tenho dificuldade, se não fosse a colega ter saído eu ainda estava em sala de aula, pra mim assim é minha vida. Meu filho mesmo fez história mas a música falou mais alto e hoje está em Portugal como músico e meu caso foi ensinar. Não fiz faculdade, fui aprendendo aos poucos né isso. agora a amizade que eu tinha com os alunos isso é importante. Nunca disse a ninguém que eu fui uma boa professora, mas gostava do que fazia como gosto até hoje. Você tem que gostar do que faz, não botar o salário em primeiro lugar. Então você tem que botar o amor, a dedicação e fazer alguma coisa por alguém como eu fiz pelos meus alunos. Sinto falta da escola, não sinto muito porque estou com esse trabalho. Hoje o professor já começa cansado reclama bota o salário na frente. Meu décimo terceiro eu gastava com os meninos em sala de aula como gasto até hoje aqui com eles, não tenho essas

vaidades, nada. Vai levando aí, cada coisa que a gente faz lá na frente tem uma recompensa né quando se ajuda um aqui lá na frente ajuda os da gente por eu ter esse filho fora. e a vida vai levando né cada doido e sua mania né então a mania é leitura né (risos). O pessoal fica admirado “você mora aonde?” Eu moro aqui, aqui era um quarto já tirei a cama, as porta já fiz estante e vai. Morando aqui é o livro e um cachorro que me apareceu ali que eu tomo conta. Também assim levanto cedo faço caminhada, mas quando é 6 e pouco recolho o lixo continuo até hoje fazendo o trabalho varrendo a rua né, só que eles cresceram aqueles que faziam esse trabalho né. Mas eu empresto o livro com a condição tem que deixar a porta limpa e não jogar lixo na rua. Eles chegam aqui “eu quero fazer a cadernetinha”. Eu digo não tem caderneta você leva o livro, tem responsabilidade, leva num classificador e não jogue lixo na rua. só o que eu exijo, é por isso que chama O clube da rua limpa.

Por que é importante a mediação leitora?

É fundamental a orientação de um mediador que indique um livro. Tudo hoje é a leitura, tudo depende da leitura.

Quais as suas perspectivas com esta iniciativa?

Não tem muita coisa de se esperar. Eu faço porque gosto e estou vendo os frutos, muitos já estão na faculdade e me agradecem. A importância da leitura, eu faço com muito amor.

Como pensa a experiência de leitura compartilhada?

É muito bom, pois cada um ler e interpreta diferente e é bom compartilhar. Eu sempre questiono sobre o que leu para saber se realmente a pessoa leu o livro.

Hoje tem muitos fazendo faculdade. Eu já fico observando as fotos 11 anos já tem, tudo isso.

Projeto Biblioteca Andante entrevista com prof^o Marcio

Primeiramente gostaria de saber um pouco de você, seu nome, sua profissão e em seguida me fale um pouco também sobre suas memórias de leitura, particularmente

literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecer se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros.

Eu me chamo Antônio Marcio Melo da Silva eu uso mais o Marcio Melo artisticamente quando eu escrevo. Na verdade eu comecei lendo revistinhas em quadrinhos sempre fui apaixonado por revistinhas em quadrinhos e eu tinha uns amigos também na adolescência que a gente saia por ai trocando revistinhas em quadrinhos lendo, discutindo e da revistinha em quadrinho pro livro foi um pulo eu tinha amigos que depois vieram a ser professores aqui da UNEB e são professores ate hoje da UNEB Valter por exemplo foi uma grande influência e tive amigos nessa época que acabaram me levando para os livros. A primeira referência que tenho assim de grande autor foi Stephen king escritor famosíssimo pelo seus livros de terror suspense e tal e depois indo pro final do ensino médio a gente começou a buscar outras leituras também então o meu cabedal de leitura é imenso eu leio desde autores clássicos até autores brasileiros clássicos e não clássicos, leio muita literatura juvenil também porque é a minha atuação como professor. Mas a leitura sempre esteve presente em minha vida desde as revistas em quadrinhos até...acho que risos) até a véspera da morte (risos) ela vai me acompanhar. Os meus gêneros favoritos eu gosto de autores clássicos mas o meu gosto principal de literatura vai desde o século XIX até o início do século XX então os meus autores preferidos estão nesse período aí que são Betor Bret poeta e dramaturgo, eu gosto muito de Franz Kafka, tem um escritor alemão chamado Hermann Hesse que me influencia muito já li cinco principais livros dele eu já li foi um grande escritor do século XX, gosto de José Saramago que é um escritor português morreu recentemente, nacionais gosto de Carlos de Drummond de Andrade minha grande influência, gosto de Jorge Amado estou relendo agora por sinal a sua coleção as obras principais; gosto de Guimarães Rosa e gosto de escritoras também Clarice Lispector, Cecília Meireles, gosto muito das poesias de Adélia Prado. Então assim eu leio aquilo que me interessa, aquilo que chega até mim de alguma forma e que eu acho interessante eu vou lendo eu tenho escritores preferidos mas eu não fico só neles eu leio todo tipo de literatura desde a literatura marginal como se chama agora né a chamada literatura periférica né tem um poeta Sergio Vaz que me influencia muito, Ferréz que também é um escritor periférico muito bom Então eu leio muito, leio muita coisa mesmo muitos livros gosto de literatura russa também Fiodor Dostoiévski, Maksim Górkí então esses escritores são escritores que eu gosto de ler e que me influenciam.

Vou lhe apresentar algumas imagens pra você observar só

Pessoas lendo em várias plataformas e em vários lugares também né. tem uma pagina no face que é bem legal Tem mais gente lendo mostrar que tem muita gente o foco dele é no livro

mas eu prefiro o livro físico mesmo de pegar de tocar o livro de colocar o marcador de página dentro do livro eu acho muito legal o cheiro do livro me agrada muito (risos) ainda não me senti ainda por essa plataforma de leitura virtual eu estou ainda preso

Então me fale um pouco sobre suas práticas de leitura e como esta se dá no seu dia a dia? Qual a importância da leitura na sua vida e da mediação?

A leitura faz parte da minha vida em todos os contextos não tem horário pra leitura se bem que eu gosto de ler mais a noite né sou um notívago eu gosto mais de ler e de produzir também a noite porque é o momento do dia mais silencioso a noite também geralmente é mais agradável que o dia. Mas assim eu leio em todos os lugares, em todos os momentos, em todas as minhas folgas também o livro pra mim é como qualquer outra coisa que seja importante entendeu, é um alimento, é uma forma de interagir e conhecer outros lugares outras culturas. Então livro pra mim é sempre é todo dia toda hora não tem hora específica pra ler não tem um momento certo eu acho que qualquer momento é certo pra ler um livro. Acho que é importante e eu tento também levar isso também para aquilo que eu faço os meus projetos a minha escrita também é sempre de tentar motivar as pessoas a sentir o gosto pela leitura de saber a importância do livro na sua vida. Então nas minhas páginas no facebook nos meus textos nos meus artigos, nos projetos que desenvolvo não só no colégio e na sala de aula mas fora dela também. Então é sempre voltado pra questão dos livros e da leitura.

Me fale sobre seu projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.

O Projeto da Biblioteca Andante ele surgiu há muito tempo atrás não nesse formato que a gente chegou hoje mas eu sempre tive vontade de criar uma biblioteca pública, uma biblioteca voltada para o público mais pobre da periferia principalmente os jovens e as crianças mas eu nunca tive ainda essa oportunidade não tive ainda um espaço. Por enquanto que isso não se realiza eu criei uma outra ideia, uma outra plataforma que é a biblioteca andante foi criada em 2014 lá no colégio que eu ensino que é o CEEP Felicidade e o nome da biblioteca e a ideia surgiu após a leitura de um livro de Eduardo Galeano um escritor

uruguaio “As palavras andantes” que é um livro maravilhoso tem um texto nesse livro que é muito legal que ele conta a aventura de um cara que tinha uma biblioteca com mais de 5 mil livros e aí ele saía pelo deserto levando esses livros pra os lugares em cima de camelos e aí era a biblioteca andante daí surgiu a ideia de colocar o nome (risos) a gente não tem camelo mas a gente leva os livros de várias maneiras em vários lugares em cima de uma moto ou num carro que o colega empresta num ônibus então todo veículo serve pra gente levar esses livros pra os diferentes locais e lugares então a ideia é levar o projeto as intervenções para locais a nossa preferência com o público mais pobre pessoas que geralmente não tem acesso aos livros porque livro ainda é muito caro no Brasil né infelizmente. E assim as pessoas mais pobres das periferias elas não tem ainda acesso ao livro né. cidade como essa nossa se você for acho em quase todas as periferias aí não tem biblioteca e é complicado porque o jovem que gosta de ler só pode ler então no colégio? E será que em todos os colégios tem livros, biblioteca? é isso que a gente precisa fazer um levantamento e descobrir acho que essa questão que o jovem não ler não é totalmente verdadeira, acho que o jovem ler sim e tem muito jovem querendo ler e o nosso projeto tem mostrado isso, tem sido um sucesso agente já fez intervenções em varias escolas públicas tanto municipal quanto estadual e inclusive já estamos também saindo dos muros de nossa cidade já fiz intervenção em Caém na jornada pedagógica desse ano , já fui em Saúde, já fui em Ourolândia duas vezes fiz intervenção lá no mesmo colégio público só que na segunda vez foi pra dar um aulão do ENEM eu aproveitei e levei alguns livros também pra doar e tem a proposta da gente ir em também Serrolândia e no início de outubro fiz uma intervenção em Morro do Chapéu numa praça lá da cidade praça principal junto com recital poético com atores da cena lá da cidade foi muito interessante então assim muito jovem apareceu pra pegar os livros tal e a proposta da biblioteca é essa levar os livros para todos os lugares e pra todas as pessoas a gente não tem um publico específico porque a gente faz intervenções em locais públicos então quem tiver passando na hora e ver a intervenção, encostar e pegar um livro pra gente é uma satisfação que as pessoas conheçam o projeto porque a gente sobrevive também de doações. a gente só pode doar os livros que nos são doados né. Então assim, a proposta da biblioteca andante é receber doações e a partir dessas doações que a gente recebe a gente sai doando, trocando e emprestando os livros então assim como a gente faz intervenções esporádicas em ruas, praças tal a maioria dos livros que a gente leva na verdade a gente doa porque a pessoa não vai está com o livro ali agora na mão pra trocar por outro, na maioria das vezes a gente acaba doando mesmo os livros. a gente acabou ficando muito conhecido na cidade e a gente acaba recebendo muita doação é uma troca constante a gente recebe e doa também. Não tem um

local específico ainda de colocar os livros então por enquanto eu deixo lá na minha casa mesmo, mesmo a esposa não gostando muito da ideia, eu fiz um baú também, um baú de madeira grande e muito desses livros eu boto dentro desse baú agora recentemente uma geladeira que também vai ser um local para acomodando esses livros aí, e a geladeira vai ser bom porque a gente vai sair pelos bairros periféricos né e a gente vai deixar cada semana num bairro periférico da cidade e aí vai ser uma parceria né com os moradores com a associação de cada bairro também, e assim as ideias vão surgindo as pessoas vão ajudando tem vários artistas, os nossos amigos do dia a dia também. então o projeto ele é aberto, aberto em todos os sentido quem gostar da ideia e chegar e quiser ajudar pode, eu acho que é por aí. As dificuldades do projeto são as mesmas que todo movimento social todo projeto toda ong tem que é a questão dos recursos né um projeto sem fins lucrativos a gente não vende esses livros a proposta não é vender porque as pessoas nos dão os livros, nos doam, então como é que a gente vai querer lucrar com isso, então é um trabalho voluntário a gente não vende a gente doa troca empresta esses livros e pede pra que as pessoas que recebem o livro passe para outras pessoas pra que o livro circule porque o livro só funciona se for lido, então assim a bola só funciona se você chutar se você for lá brincar com ela, a mesma coisa é o livro não adianta você comprar o livro ler e deixar na sua estante mofando né. As pessoas precisam ler esses livros. E Aí a gente tem aberto pra outras coisas também não só livros, mas revistas em quadrinhos também, revistas que a gente acha que são importantes de publicação mensal a Caros amigos por exemplo tem artigos lá de 2005 2007 2006 que você utiliza até hoje então não é uma revista que fica datada como essas revistas semanais aí que a gente conhece né que trabalha muito em cima de fatos né de boatos, então a semana que vem as edições dessa semana já não presta mais e as revistas mensais não e as revistas mensais não então a gente dar preferências pra essas aí e pra as revistinhas em quadrinhos também, a ideia é essa aí.

Você se considera um modelo leitor?

O que vem a ser um modelo leitor? Assim eu gosto muito de ler estou sempre com um livro a mão, sempre que eu posso nos lugares que eu vou quando eu vou pra fila de um banco por exemplo estou sempre com um livro na mão porque é horrível você ficar numa fila olhando pro mundo, então eu prefiro ficar olhando pra páginas de um livro. Então, o leitor é aquele que ler aquele tá acompanhando o que está acontecendo no mundo da literatura. Então assim eu leio porque eu gosto. Eu não gosto muito dessa ideia de ser modelo pra ninguém, mas se com o que a gente faz acaba influenciando outras pessoas bom, é bom influenciar as pessoas

pra o que é interessante, tem muita gente por aí fazendo o mal, acho que cabe a gente fazer o bem.

Por que é importante a mediação leitora?

Porque a leitura hoje em dia é fundamental, pois vivemos num mundo de símbolos precisamos decodificar e discutir, levar pra sala de aula a importância dos livros e ler também. Não tem como incentivar a leitura se não lermos.

Quais as suas perspectivas com esta iniciativa?

As perspectivas são as melhores pois com 2 anos já levamos a leitura pra muita gente. A perspectiva é continuar, recebemos convites das escolas e estamos sempre fazendo as intervenções. Tem muita gente que ajuda e incentiva, muita gente lendo. Vamos agora para as periferias. Seria interessante se houvesse incentivo financeiro para ajudar nas viagens mas enquanto isso vamos continuando.

Como pensa a experiência de leitura compartilhada?

Experiência de leitura compartilhada é importantíssima pois trocamos as leituras, os autores. É importantíssimo a troca de experiências, é fundamental. Acho que é preciso se estender isso, sair dos muros da escola das quatro paredes de uma biblioteca por isso a importância da Biblioteca Andante. O diferencial do projeto é repassar os livros, não é preciso devolver, e não temos um público específico, é para crianças, jovem, adulto que tiver passando por ali no momento da intervenção que ocorre em vários lugares levamos pra todo mundo. Cada ano o Projeto tem um lema, o lema do ano1 2014 e 2015 foi Os livros só mudam pessoas e o lema do ano2 2016 e 2017 Tem mais gente lendo. O projeto tem dados alegrias, tem mais retorno do que perdas, temos que fazer algo mais no dia a dia das pessoas. Quem tem vontade faz eu tenho essa vontade e faço.

Entrevista com a prof^a Karine Novaes Leite

Primeiramente me fale um pouco sobre sua profissão, seu nome e também um pouco sobre suas memórias de leitura, particularmente literária, textos, autores, gênero favoritos; esclarecer se houve influência de alguém neste gosto pela leitura, textos, autores, gêneros.

Eu sou Karine Cristina Novaes Leite, estou professora há alguns anos já e o primeiro contato que eu tive com a literatura na verdade tem aqueles primeiros na escola, mas eu lembro muito bem que a minha irmã me presenteou com alguns livros e esses livro até hoje alguns

eu ainda tenho que são Contos da carochinha e outras histórias cantadas inclusive eu tenho ainda os áudios dessas histórias que são cantadas misturadas com algumas cantigas de roda então assim eu penso que o meu gosto inicial tenha nascido daí de ter recebido um material que tava muito próximo da minha realidade, era criança ganhando livro com história de criança feito pra criança que acho que é aí onde a gente consegue né alcançar quem tá fazendo a leitura, e antes disso geralmente é na escola que o professor conta história pra gente, mas pra falar a verdade as minhas recordações são dos livros que eu ganhei não tanto das histórias que me contaram na sala de aula entendeu não sei se é porque não tinha tanto esse trabalho com literatura, talvez não era visto com tanta importância como a gente percebe já há alguns anos que bom que a gente percebe isso e que a gente pode dar continuidade. Eu não gravo nome de autor eu só vou lendo e vou gostando e vou lendo e compartilhando, e justamente por conta disso ter gostado tanto dos contos e ter guardado tanto na memória que eu tanto levo pra sala de aula como divido essas experiências com parentes, com sobrinhos, com filho do vizinho já dei uns livrinhos também eu acredito que tenha sido aí viu essa coisa do gostar mesmo de ler, de apreciar.

Observação de imagens

Me fale um pouco sobre suas práticas de leitura diariamente, como esta se dá no dia a dia? Sobre a importância da leitura em sua vida e da mediação.

Diariamente, eu costumo dizer, infelizmente a gente tem muito tempo pra eu te dar uma resposta sobre diariamente eu leio x linhas x páginas, mas talvez semanalmente sim né. São textos informativos no geral, são histórias que a gente ver assim compartilhadas hoje o facebook ajuda muito porque tem aquele pessoal que posta “receba na sua casa o livro tal” de repente você diz do que será que esse livro fala aí você vai lá e dar uma fuçada ai vai e se interessa ou não se interessa mas esse contato com a leitura eu tenho percebido que tá cada vez mais interligado com a questão da tecnologia mesmo sabe não que os livros impressos não sejam tão interessantes quanto, na verdade eu ainda acho mais interessante (risos) mas tá mais vinculado com a questão do computador mesmo, textos que são compartilhados via WhatsApp, face book aí as vezes você abre lá sua página de email e tem um textinho lá e você se interessa, é uma pesquisa é algo do tipo, então eu acredito que no dia a dia sejam mais esses textos informativos mesmo entendeu. E livro pra comprar, livro que me interessa que eu tenho vontade de ler estão geralmente ligados à área em que eu estou atuando hoje

que é na área de educação especial né, e pra ser mais precisa esse ano mais direcionado a arte mesmo, a arte educação, então os textos sobre arte, os livros em que os pesquisadores estão comentando sobre suas experiências ou estão falando de experiências de professores nessa área então são leituras assim que vem acrescentar no sentido de melhorar a minha pratica mesmo. Na verdade assim, eu acredito que seja um equívoco pensar em mediação apenas quando você tá ali na posição de alguém que está lendo algo pra passar um conhecimento, a mediação tá já no ato no momento em que você pega um material e você senta com alguém independente de você está lendo pra alguém você já está mediando, eu acho que o permitir o contato com o livro, com o texto via Whatzapp, face book não importa o jeito, permitir esse contato já é o início desse mediar a leitura não necessariamente você pegar e ler pra alguém né. então assim é bem frequente principalmente porque eu sou professora então acontece diariamente essa questão de esta com o livro estar com o texto porque principalmente o trabalho de arte tem que ter uma base por exemplo entendeu, eu vou trabalhar sobre arte, eu estou trazendo um artista plástico eu tenho que trazer um texto informativo eu ofereço esse material pros meninos seja foto, seja frase, seja um texto maiorzinho, mas esse contato tem que acontecer eles precisam saber quem é, onde ele morava, o que ele fazia da vida, quantos quadros pintou não a titulo de gravar informações mas de ter contato mesmo com esse conhecimento que é disseminado em outros espaços e aqui também precisa ser.

Me fale sobre o projeto na formação leitora dos participantes: o que lhe impulsionou a realizar tal iniciativa? Como iniciou, como funciona, público alvo (perfil dos participantes), quais estratégias e materiais utilizados, momentos marcantes, dificuldades encontradas e os seus avanços.

É muita coisa pra gente lembrar rapidinho, mas deixa eu te dar um exemplo bem claro do quanto eu aprecio a questão da literatura no dia a dia, literatura no sentido de vários textos não só romance não só o conto, hoje mesmo eu tive com uma mãe e essa mãe veio aqui na escola disse assim: -- pró estou precisando da ajuda de vocês porque minha filha desenvolveu um medo com eletricidade, então assim estou levando pro psicólogo estou tentando ver com ele quais são os caminhos que tenho trilhar pra minha filha perder o medo de eletricidade ela viu uma reportagem na televisão de um choque elétrico que alguém sofreu e levou a óbito e ela ficou assustada com essa possibilidade e aí em casa ela não ta mais nem acendendo ou apagando as luzes de casa e outro dia eu sai com ela na rua e ele ta desviando do sentido dos fios dos postes, e eu queria saber como é que vocês podem me ajudar nesse sentido, aí eu falei pra ela: bom, um dos caminhos que eu sempre busco até

porque eu já tive experiência com arte terapia aqui na APAE um dos caminhos que eu sempre busco é justamente o caminho da literatura porque eu acho que a leitura permite a gente chegar mais rápido né no outro, permite a gente bater um papo legal sobre aquilo que a gente leu que a gente ouviu ou que a gente viu e dar essa facilidade de trabalhar com o sentimento medo, aí falei pra ela a gente já tem alguns livros na casa que a gente pode utilizar e eu acredito que pra vencer esse momento dela precisa entender o que é eletricidade, a gente vai ter que trazer uns textos informativos, alguns vídeos, umas fotos pra tentar desconstruir essa ideia na cabecinha dela, cabecinha é jeito de dizer mas ela já é uma jovem ela é uma moça não é uma criança. Desconstruir essa ideia de que tocou ali tomou um choque, então a gente precisa tanto do texto que é informativo a respeito do que é eletricidade como ela é conduzida quais são os riscos, e a gente precisa de um conto também algo que fale sobre o medo. Porque no momento que eu trago um texto sobre o medo por exemplo Chapeuzinho amarelo quando a gente traz um texto como aquela, tudo bem que é história tá falando de lobisomem, da menina que tinha medo do lobisomem que tinha medo de de outras coisas também e no decorrer da historia vem falando como foi que ela venceu esse medo foi com o contato com aquilo. Então assim, se eu trago um texto como esse eu faço com que eu consiga pensar com o aluno sim e no real o que que a gente pode fazer? Ele consegue entender com aquele texto que é preciso que ele tenha contato com aquilo que lhe traz medo pra que ele consiga vencer esse medo. Então assim, a literatura permite para além de um texto informativo, permite um bate papo no bate papo é onde o meu aluno vai falar sobre os medos dele por exemplo, entendeu eu trago o medo de um personagem mas esse mesmo personagem é o personagem da vida real, somos nós, somos nós aquelas pessoas que estamos ali na história. Tudo bem que tem uma contextualização diferente que as vezes é preciso utilizar meios mais claros e mais obvio principalmente com o deficiente intelectual mais claros assim no sentido de entender realmente a mensagem que tá sendo transmitida por aquele texto. no geral a gente sempre consegue alcançar o objetivo quando a gente traz uma contação, quando a gente traz um jornal, uma revista e assim esse contato com jornal com revista e tudo mais ele é frequente. Engraçado que ele é frequente também na aula de arte educação quando agente tá produzindo alguma arte reciclada aí é o momento de folhear, de escolher as imagens, ou de retirar a folha mesmo e naquele momento que ele tira uma folha que ele escolhe uma imagem ele tá vendo aquele texto ali seja um texto foto, seja um texto escrito que quando ele não consegue entender ele diz “Oh pró o que tá dizendo aqui?” aí você vai e faz a leitura então você tá tentando um contato pra produzir uma arte e de repente você percebe que você tá lendo pra ele, você tá trazendo informações que tão ali naquele

jornal que vai virar um rolinho naquela revista que vai virar uma colagem. então assim tá no nosso dia a dia tá bem forte. Mas pra ser bem específica falar sobre aquilo que tão sentindo partindo de um texto como por exemplo, eu acho que a literatura é mais tocante pra mim quando eu consigo entre mil aspás resolver um problema junto ao meu aluno sabe, trazer um problema que tá numa historia trazer pra vida dele pra minha vida e juntos a gente tentar resolver algumas questões eu acho que minha maior alegria é quando eu consigo fazer com que a literatura resolva problemas mesmo, assim não vai resolver como um todo mas o fato deles conseguirem teve uma história que eles ficaram muito mexidos assim, a gente vai conversando e vai lembrando né a história é Draguinho diferente de todos parecido com ninguém (se você não conhece depois que fala de um dragãozinho que ele sofre preconceito porque ele não consegue ser como os outros em sala de aula, e aí naquele monto que você a história os aluno estão entendendo o que ta acontecendo com o dragão e eles trazem pra vida deles “poxa isso acontece comigo também” e aí no segundo momento pode ser de recontar como pode ser já aquele momento do bate papo pra posteriormente uma produção artesanal uma produção manual, então assim esse segundo momento eu acho massa porque é o momento em que eles falam sobre a história, mas é o momento em que dá aquele estalo na cabeça “e acontece comigo será que eu posso resolver assim também?” Será que eu não posso?” E aí nesse momento eu penso que o professor tem que tá eu, naquele momento eu estou na posição mais de questionador do que de dar respostas porque eu acho que o professor ele consegue mais quando ele vai questionando e questionando então assim: ah aconteceu isso com ele. O que vocês acham desse final? É isso mesmo? vocês concordam? Vocês fariam diferente? Esse fazer diferente resultaria em que, ia melhorar a vida de Draguinho? Não ia melhorar? Então assim, são esses questionamentos que levam eles a pensar em possibilidades e escolhas que eles podem ir trilhando na vida deles mesmo sabe. Eles trazem o draguinho pra vida deles, na verdade o personagem acaba virando nós mesmos nós somos o personagem da vida real.

Você se considera um modelo leitor?

Eu me considero porque eu percebo leitura vai além de escrita. leitura é foto, leitura é natureza, leitura são os espaços onde estou, leitura familiares ta no ambiente familiar, leitura tá em todos os lugares eu considero leitura dessa forma entendeu. Leitura de mundo mesmo, assim enxergar o mundo pensar sobre ele porque no final d conta é isso que a leitura possibilita a gente. A leitura eu me refiro a leitura escrita né, a gente lê algo que fala sobre algo, que fala sobre um lugar, que fala sobre pessoas, que fala sobre alimentos, então eu acho que todo mundo é um modelo leitor não sei de repente eu esteja viajando (risos) mas se a

gente pensar a literatura nesse sentido. É, Talvez não, talvez nem todos sejam modelos leitores porque nem todo mundo para pra ler, pra ler o que tem ao redor, pra ler o seu dia a dia, pra ler as pessoas que estão com você, pra ler as falas das pessoas. E assim eu considero muito no meu dia a dia as falas dos meus alunos falas ou gestos. Então assim geralmente eu tenho um papelzinho solto na mesa, já tentei trabalhar com a fichinha mesmo sabe, ter uma fichinha assim por aluno e ficar aquele bloquinho aí quando o aluno solta determinada coisa “não posso esquecer disso tenho que usar isso em algum momento, tenho que aproveitar essa fala pra alguma coisa eu já tentei usara fichinha só aquela organização muitas vezes não dar certo então eu deixo uma folha em cima da mesa, e aí nessa folha aluno tal falou aquilo essa leitura dele sobre tal momento, que por exemplo aula de artes ele fala assim : o gás tá muito caro essa” Posso aproveitar essa frase pra alguma coisa’ então assim se ele tá falando se o gás tá caro é porque ele tá ouvindo, é porque a informação tá sendo transmitida por alguém algum lugar e provavelmente ele tem alguma opinião a respeito daquilo ali. E como é que ele vai colocar pra fora essa opinião quando ele não consegue formular muito bem as frases? Então quando ele não consegue aí eu aproveito pra arte, entendeu. Então eu sempre tenho um papelzinho assim porque eles fazem leitura, e a gente tem que aproveitar essa leitura que eles fazem do dia a dia deles do que acontece em casa do que acontece na rua, do que eles veem na televisão texto vídeo né, o vídeo que eles veem na televisão eles trazem de alguma forma então acho que a gente tem que aproveitar o tempo todo.

Por que é importante a mediação leitora?

Porque proporciona o contato com a literatura fazer com que a literatura chegue no outro. O primeiro passo oferecer para apreciação e depois se aprofundar para despertar o interesse. Na contação o conto é o mais encantador (com início meio e fim) talvez porque o final é feliz, e eu acho isso tão arriscado que questiono: qual final poderíamos dar? Quais outras possibilidades? Pois o real não é tão feliz, as histórias deles (alunos) não são tão felizes, então busco trazer alguns outros livros como a literatura africana, literatura indígena pra facilitar a compreensão de que a realidade não é tão feliz assim. É uma preocupação minha, mas acho que eles compreendem. Trazer a literatura para melhora a autoestima. A dificuldade é encontrar histórias que condizem com a realidade da gente.

Quais as suas perspectivas com esta iniciativa?

Melhorar a autoestima, permitir que pensem sobre suas potencialidades que são capazes. É muito difícil chegar na família pois não acreditam na potencialidade dos filhos infelizmente as escolas o governo e outros fatores reforçam isso. Não ter o contato é não proporcionar que

a pessoa tenha a leitura de mundo. É preciso valorizar as diversas leituras do nosso contexto social. É importante a mediação que traz o contato com o conhecimento.

Como pensa a experiência de leitura compartilhada?

Tem que oferecer a leitura para ter uma resposta do outro lado, principalmente com pessoas com deficiência intelectual.

ANEXO II

FOTOS DOS PROJETOS
(Fornecidas pelos coordenadores)

FOTO 1 – Biblioteca Andante



FOTO 2 - 3ª intervenção UNEB em 2014



FOTO 3 - 3ª Intervenção Na UNEB Campus IV



FOTO 4 - 3ª Intervenção Na UNEB Campus IV



FOTO 5 - 1ª Intervenção de 2015 na praça da Matriz



FOTO 6 - Intervenção na praça rio branco



FOTO 7



FOTO 8



FOTO 9



FOTO 10



FOTO 11 - Intervenção no Colegio Nubia em setembro 2016



FOTO 12

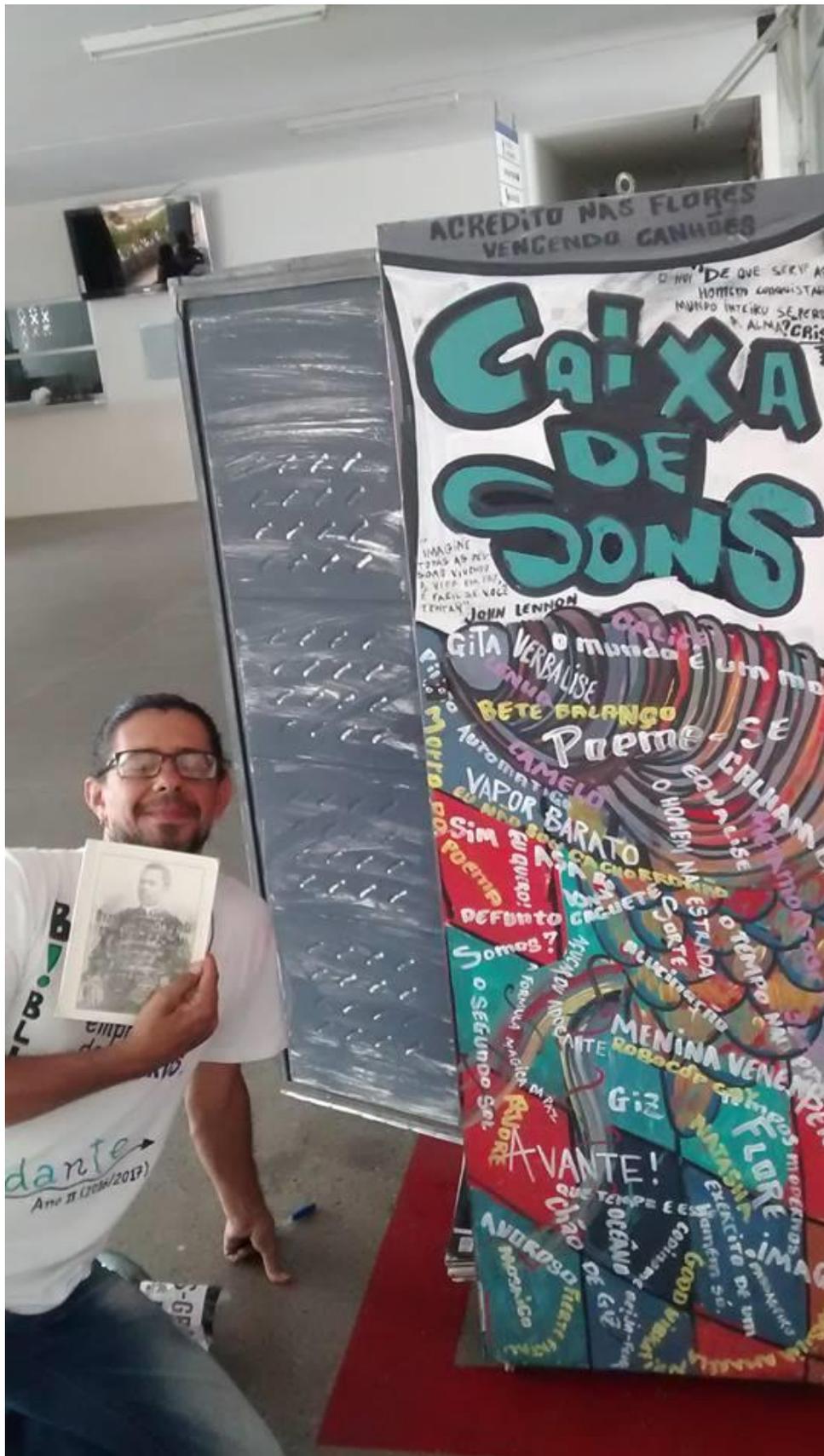


FOTO 13 – Projeto Clube da Rua limpa



FOTO 14



FOTO 15



Inicio da leitura 2008

FOTO 16



FOTO 17



FOTO 18



FOTO 19



FOTO 20



FOTO 21



FOTO 22

